

ANO XXXVIII

NÚMERO 29

Diretor:

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro

15 de Julho

de 1944

FON FON

O Dia do Homem Livre

O homem livre, o homem redimido — teve a expressão de espírito e de beieza da civilização contemporânea — nasceu e cresceu, formou-se e tornou-se e moldou-se a si próprio, em idealidade e em ação, na dor e na angústia de um mundo que terminava numa extrema provação de fogo e de sangue.

Sangrou o coração da velha e eterna França. Sangrou sua própria alma em holocausto à transubstanciação eucarística de um anseio de liberdade, de que brotaria a fonte inspiradora e universal de todos os sagrados direitos do Homem.

A Revolução Francesa marca na História o início de uma redenção universal. O desaparecimento de um mundo torturado pelos maiores excessos da injustiça e da autoridade, para rasgar ao mundo a era de uma nova civilização pela conquista do direito, da justiça e da igualdade, perante a lei, de todas as liberdades legítimas.

Ela assegurava, assim, os direitos do homem, enquadramento político e socialmente, como elemento integrante e representativo da nação e do mundo.

A tragédia que a dominou e empolgou, num grito de dor e desespero de toda a angústia humana, abriu, os rumos e caminhos do futuro, a epopéia magnífica da liberdade da França e do mundo, pelo próprio sentido e alcance universais que ela despertou e fez vibrar na alma dos homens e dos povos de todos os quadrantes.

Em 14 de Julho, pela expressão mesma do espírito universalidade que o simboliza é, hoje, como foi ontem, como será amanhã a mística de força e de fé dos povos livres de todos os continentes. Porque sob o signo de sangue e de redenção que ele traduz, a França, que renasceu das próprias cinzas do mundo e ela fizera estertorar até o anquilamento e a morte, revelou-se e conheceu-se a si própria através da nova Luz que se fez a luz potencial e esplendente de toda a consciência universal.

Do entrechoque tremendo e do caos revolucionário, a França redidiva alcandorava-se, majestosa e

grande, enchendo de novas luzes o amplo e agitado cenário do mundo, então aberto para a nova era em que se iria alçar a civilização moderna.

* * *

ALLONS Enfants de la Patrie...

— "Qu'est-ce que c'est?"

— "Ce sont les Vosges qui chantent"...

AS vozes sagradas e milenares dos Vosges cedam fortes e profundas pelas encostas e quebradas, e vales e campos da terra francesa. E ressoam e despertam a alma e o coração da Pátria gaulesa para o sacrifício e o heroísmo de uma nova libertação.

A libertação da França dos nossos dias, oprimida pela tirania nazista, e que se rebela heroicamente contra o invasor, sob a proteção e o amparo dos gloriosos soldados da América livre, generosa e forte, para cujos anseios de liberdade ela tanto contribuiu com a projeção universal dos designios, das idéias e doutrinas que constituíram e consubstanciaram o espírito mesmo da sua grande revolução.

Dos soldados da América livre, entusiasta e moça, e, também, dos que formam a vanguarda das heroicas forças da sua velha aliada — essa admirável Inglaterra de Churchill!

* * *

DE novo começam a cantar, as vozes sagradas dos Vosges o hino da nova libertação, com elas fazendo córo, numa intensa exaltação de amor e de fé, os sinos e os corações de toda a França. Os sinos e os corações de todo o mundo onde a liberdade, a justiça e o direito, a concórdia e a paz são ainda o apadrinhado e a virtude maior da própria dignidade humana.

ELCIAS LOPES

6 CONTO IRREVERENTE

A vida é

(Diálogo entre um homem equilibrado e outro desequilibrado)

O equilibrado. — Se ao menos houvesse alguma coisa de verdade naquilo que publicam certas revistas estrangeiras, em especial as germânicas, dizendo-nos que em Budapeste há uma intensa e originalíssima vida noturna, que ao esplendor da luz elétrica brilham as heteras mais belas do mundo, que na avenida Andrássy as tziganas de olhos de fogo e as formosíssimas filhas da Transilvânia dançam o "csardas" com os filhos bronzeados na praia; que pela madrugada cada um se tornou amigo de tudo e de todos por efeito do generoso vinho de Tokai... Se isso fosse verdade, não me admiraria de que a gente mais espirituosa e mais sábia, como escritores, jornalistas, compositores, atores e outros artistas, se deite de manhã e se levante à noite. Mas assim...

O desequilibrado. — Assim, à primeira vista, pode supor-se que tenha razão. Mas, se quiser ouvir as explicações que eu, velho noctâmbulo, me proponho a dar-lhe, mudará imediatamente de opinião. Soberá depois explicar, aos outros homens equilibrados, que a vida noturna de Budapeste — entenda bem, não o noctambulismo solteado, mas a verdadeira e autêntica vida vivida exclusivamente, continuamente, profissionalmente, à noite — tem razões muito mais profundas e muito mais belas do que tudo quanto lhe seja dado imaginar.

O equilibrado. — Ouçamos, ouçamos essas razões.

O desequilibrado. — Antes de tudo, à noite não há rumores. O escritor, que não tem dinheiro para mandar construir um chalé ou um "bungalow" nos arrabaldes, vê-se constrangido a permanecer na cidade e a escrever de noite os seus romances, porque só à noite encontra o silêncio indispensável. Quem trabalha de noite deve, também, comer à noite. Os restaurantes noturnos, contando com uma clientela mais reduzida, têm melhor cozinha, muito mais apurada. Resultado: come-se melhor de noite do que de dia. Nos cafés, de dia, trabalham em média seis "garçons" para quatrocentos fregueses... De noite apenas três, para vinte clientes. O serviço, por consequência é infinitamente melhor. De dia, pelo menos novecentos mil cidadãos estão acordados: daí o termos de circular entre novecentas mil pessoas. À noite podem ficar acordadas, no máximo, três mil. Quer dizer: eu, noctâmbulo, vivo em uma cidade de três mil habitantes. Vivo em uma pequena cidade, mas esplendidamente iluminada a luz elétrica, com as ruas asfaltadas, com luxuosos cafés. Dêsses três mil habitantes, mil são guardas-noturnos. Que me diz desta terra encantadora, destas condições de segurança pública, onde, sobre três habitantes, um é agente de polícia?

O equilibrado. — Ideal!...

O desequilibrado. — A utopia de cada intelectual é um pequeno retiro tranquilo, mas com todas as comodidades modernas. E o retiro mais tranquilo do mundo é, por sinal, uma grande cidade à noite. A cada ângulo das ruas, veículos, restaurantes, cafés; e neles, médicos, advogados, engenheiros, representantes de cada profissão para qualquer eventualidade! Um verdadeiro noctâmbulo não encontra nunca embaraços!



a Morte

de Ferenc Molnár

O equilibrado. — E então, senhores, vão fazer nada?

O desequilibrado. — Conversam entre eles, ou se sentam a escrever cartas, ou a pôr em dia a sua correspondência, escrevem rotinas, fazem cálculos, calculam profundamente em cálculos, tratam de fazer a sua vida ser uma vida perfeita, dentro de limites estreitos, e vivem a sua vida como a vida de dia. É isto que não sabem fazer, não sabem cumprir, as pessoas equilibradas que vivem a sua vida em tribulações. É uma pequena vida estranha, feita de pequenas coisas que não podem suportar os rumores e o interesse da vida de dia, ou por aqueles que têm razões para amá-la.

O equilibrado. — E qual a razão dessas outras razões?

O desequilibrado. — As maiores comodidades que se desfrutam, de manhã até à noite, quando cada um passa um segundo a seu agorinha, a obrigação de andar com cuidado para não esbarcar nas coisas, de saudar os conhecidos, de abrir caminho aos companheiros, de recomendar a alma a todos os santos antes de atravessar a rua, de pagar. Outra comodidade: a possibilidade de poder não se preocupar com ninguém, perturbação não nos aborrecem com telegramas, e a morte não nos importuna, nem o conhecido, nem a conhecida, nem a escola que procura emprego, nem a tia, nem o tio, nem o presumido amigo, aquela que "passava exotamente no momento por um lado". De noite cada um é senhor de si mesmo: bastam poucos minutos para isolar-se.

O equilibrado. — Isto já é alguma coisa...

O desequilibrado. — Enquanto de dia tudo é mau, mal feito, de noite tudo melhora. De noite, nada custa caro, porque todos os estabelecimentos estão fechados e não se pode comprar. Nas vitrinas não se vêem objetos cobiceáveis. Pelas ruas não se encontram mulheres desejáveis, porque as que se vêem podem facilmente comprá-las. De noite, cada homem é um conquistador, porque não há ninguém tão feio, tão desajeitado e tão tolo que não encontre uma mulher que o ame. Para a sagacidade da polícia e da fingida pudícia humana o mundo, de noite, gira simplesmente do avesso: não é o homem que anda a caça da mulher, mas a mulher que anda a caça do homem.

O equilibrado. — Não creio que a sociedade seja melhor de noite, só porque é composta de menor número de pessoas: é igualmente suportável ou insuportável, como de dia, segundo o ponto de vista de cada um.

O desequilibrado. — Ai é que está o grave erro. A sociedade, quanto menor, tanto melhor é. Pense um pouco naquella minúscula, a menor até agora registrada, da ilha de Robinson Crusó, na qual a sociedade inteira é representada por Crusó e pelo seu único amigo. Como era boa, amável! Em três já não seria tão boa. Mas em quatro seria péssima. Eu, pelo menos, explico assim o facto secreto, para muitos inexplicável, que liga entre si os noctâmbulos. O chofer é mais cortez, o cliente é mais paciente, o criado mais solícito: todos são melhores, mais expansivos, mais filantropos. Veem-se fidalgos em amáveis palestras com mendigos. Ouvem-se palavras generosas de indivíduos que, á luz do meio dia, passariam indiferentes e frios diante das mais conflagrantes desgraças...

*Um meio
simples para fazer
sua mostarda*



durar mais!

Misture sua mostarda em pequenos quantidades, à proporção que for precisando. Isto lhe dará a vantagem de obter a mostarda sempre fresca.

**MOSTARDA
COLMAN**

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

O mundo em que vivemos...

De J. EZAGUI

QUANTA coisa tem acontecido nestes últimos anos! Quanto progresso, quanta invenção, quanta droga maravilhosa, quanta coisa boa! Em compensação, quanta desgraça, quantas guerras, quantas calamidades enlutam o mundo!

A vida marcha célere em sua trajetória. Os obstáculos se sucedem ininterruptamente. As vidas surgem e se vão como as flores que brotam, abrem as suas pétalas e morrem. Em todas as épocas há fatos que assinalam acontecimentos de valor. Ora é uma guerra mundial que arrasta todos os povos; ora é uma catástrofe em que sucumbem milhares de vidas; ora são revoluções internas que transformam regimes, modificam costumes e elevam novos homens ao poder central.

Tudo tem evoluído rapidamente. A aviação impulsionou-se de tal modo que constitui a maravilha do século. Ninguém poderá negar o seu valor comercial ou guerreiro. Serve tanto na paz como na guerra, unindo os povos ou destruindo cidades. Na medicina surgiram drogas maravilhosas. Ontem foram os arsenicais, com o 606 e o 914. Hoje são as vitaminas, as sulfamidadas e a penicilina. Quanta gente se poderá salvar com os recursos que hoje se empregam. Há laboratórios com os aparelhos os mais perfeitos, indispensáveis à elucidação do diagnóstico do clínico. Na engenharia também o progresso veio ilimitado. Da barraca humilde e tósca de outros tempos, surgiu o arranha-céu dos nossos dias! As pontes, as obras de arte surgem cada dia mais perfeitas e ninguém mais se admirará se conseguir um dia ligar a terra ao céu!

A fisionomia das cidades se transformou. Das ruas estreitas e mal traçadas surgiram avenidas largas e retas; dos casebres pobres e acachapados britaram os palacetes e os grandes edifícios. Tudo evoluiu de tal maneira que quem viu uma cidade há 30 anos e torna a vê-la hoje, não mais a reconhece. E' como se fosse uma criança que vimos nascer e encontramos um dia, depois de 20 ou 40 anos. Nada fará com que a reconheçamos...

E a vida seria melhor há 40 anos atrás? Talvez. Os que ainda vivem contam os seus casos que para nós são como verdadeiros contos de fadas. Carne a 1\$0000 ovos a \$050 cada um e eram oferecidos de porta em porta, conseguindo-se sempre um pequeno abatimento; bananas eram vendidas aos cachos,

não custando nunca mais de 400 réis cada um. Não havia família que não tivesse a sua despensa bem sortida. Frutas à vontade, açúcar aos sacos, e arroz e feijão também aos sacos. E tudo era comprado por uma ninharia. Manteiga, leite, legumes, verduras, tudo isso existia em abundância e era comprado por preços ínfimos. A vida era fácil, não há dúvida. Tudo chegava em casa facilmente, como se fosse caído do céu. Não havia horários apertados, nem taxis que explorassem, nem filas intermináveis.

Os que nasceram e vivem nesta nova quadra da vida, e não conheceram aquele outro mundo, sentem que agora a vida é melhor, que este é o paraíso perdido! Com filas ou sem filas, com carne ou sem carne, acham tudo isso muito natural, muito divertido. Ninguém mais reclama se espera por uma hora a sua vez na fila da manteiga, mesmo que, ao chegar a sua vez, o estoque tenha terminado. Tudo é o modo de encarar as coisas. O movimento aumentou, a população multiplicou-se. E por isso há falta das coisas, há mais pressa nas ruas e surgiram em consequência as filas, os 8 em pé, os "pingentes" nos bondes, o café em pé, os cortiços em prédios de apartamentos. E como resultado de tudo isso o açougueiro não tem mais carne para vender a todos os seus fregueses, não há ovos porque as galinhas resolveram também trabalhar pouco...

Há falta de tudo no mercado. Não há manteiga, nem açúcar, nem gasolina. Em compensação, há margarina, há rapadura, há gasôgeno. Os automóveis transformaram-se em verdadeiras cozinhas ambulantes, fazendo concorrência ao pobre do cágado, que continua a movimentar-se lentamente...

Os que viveram em 1900 não podem compreender a vida dos nossos dias. Reclamam tudo e tudo acha mtão caro. Vivem a resmungar e a lembrar-se dos seus bons tempos... Mas os que vivem a vida dos nossos dias acham tudo isso muito original, muito divertido. Riem-se dos velhos e levam assim uma vida mais feliz. Assim tem de ser. Para tudo tem de haver um consolo. Não fosse isso, e ninguém desejaria viver, ninguém desejaria enfrentar os azares da sorte. Pergunte-se quem deseja morrer ou aturar a vida em que vivemos e a resposta será a mesma para todos:

— Prefiro entrar na fila e esperar pacientemente pela minha vez...

O MAU HÁLITO - INIMIGO DO AMOR

VOCE NOTOU QUE
RICARDO DANÇOU COMIGO
ADENAS UMA
VEZ ESTA
NOITE?

VOCÊ PODE TER MAU HÁLITO
SEM SABER!

A espuma de Colgate contém o novo ingrediente que penetra até às fendas escondidas entre os dentes. Livra-as dos resíduos dos alimentos e das bactérias que são a maior causa do mau hálito, dos dentes embaçados e amarelados, das gengivas moles e das caries do'orosas. Por isso é que Colgate limpa realmente os dentes, embeleza, conserva as gengivas firmes e saudáveis e o hálito perfumado. Comece a usar Colgate hoje mesmo.

ALICE, O MAU HÁLITO
DESTROE QUALQUER
ROMANCE. PORQUE VOCÊ
NÃO CONSULTA SEU
DENTISTA?

ESTA CIENTIFICAMENTE
PROVADO QUE NA MAIORIA
DOS CASOS, COLGATE
ACABA INSTANTANEAMENTE
COM O MAU
HÁLITO

ESTOU NOIVA
E SOU FELIZ!
UM SORRISO
COLGATE
FAZ MILAGRES!

Tamanho Gigante
DUPLA ECONOMIA



Os mais belos sorrisos... são sempre sorrisos Colgate!



ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege você contra o mau odor e a sua roupa, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que esteja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr. \$ 4,80 — Pote grande: Cr. \$ 9,50.



SUPER CERA
GOSCH. Usando-a uma vez por mês terá o seu rosto sempre brilhante.

O CONTO BRASILEIRO

Sob a velha mangueira

LOURDES G. SILVA

A mulher fechou os olhos, que a fumaca tornava vermelhos e doloridos. Sua mão, áspera e feia, continuou a manobrar a colher de pau. O filho gostaria daquele doce de leite. Sempre repetia que ninguém sabia fazer como sua mãe!

Sou que o doçafosse, uma pequenina menina tremou sob as pálpebras da velha, que a enxugou com a ponta do avental remendado. Agora, outras mãos femininas esbarravam na cozinha, outros dedos, que não os seus, pregariam botões nas camisas limpas do filho. O rapaz casava-se, no dia seguinte.

Aquela moça risinha e corada, que vivia a cantar pelos campos, seria sua nora, a nova dona da casa. Deveria estar contente, com isso, pois o moço realizava seu maior desejo, mas não o conseguia, por mais que se esforçasse.

O dia, lá fora, estava deslumbrante. Havia sol nos montes e nos campos, sol naqueles risos felizes, que chegavam até à casinha tristonha. Pelo quadrado luminoso da porta, ela podia contemplar a paisagem conhecida, a velha mangueira grande do quintal, cúmplice protetora dos romances sonoros da passarada. Lembrava-se bem do dia em que a conhecera, trinta anos passados: sentindo-se dona do mundo, rainha soberana daquele grande e belo palácio branco, fitara radiante a árvore verde, carregada de frutas, enfeitada de asas multicores, que esvoaçavam pela ramagem.

— Bom dia, minha senhora!

E o vento, que brincava por entre as folhas, sussurrava em resposta:

— Bom dia, minha rainha!

Seu vestido bonito de chita era, também, verde como a árvore imponente, e sentiu-a irmã, desde então. Junto dela, fora construir

lindos planos para o filho que devia nascer. A sua sombra, derramara a primeira lágrima de desilusão, quando o marido a maltratara. E, agora... ali estava, encostado a seu tronco rugoso e gasto, o novo casal de noivos. Sentiria a moça o mesmo que sentira ela?

Invejava a árvore, que possuía, apenas, aqueles pássaros coloridos e barulhentos, mas sempre fiéis.

Mordeu os lábios com despeto.

Desde que a brutalidade do companheiro lhe destruíra as ilusões de amor, todo seu afeto se concentrara naquele rapagão alto, de voz grossa, que era seu filho. Via-o ainda, como o bebê rosado, que lhe sorria, por entre os cobertores que o envolviam, um sorriso alegre e espontâneo como um rai de sol; sua voz máscula e autêntica parecia-lhe ter o mesmo timbre sonoro daquelas gargalhadas infantis, que um garoto esperto e travesso deixava ressoar pela casinha limpa e humilde. Para ela, aquele peito largo e cabeludo ocultava o mesmo coraçozinho ingênuo e franco de criança. Queria protegê-lo com a sua mirrada figurinha, não vendo, não sentindo naquele homem mais que a fragilidade do filhinho que adorava! Não podia, embora se esforçasse, amar aquela jovem mulher que viera transformar o seu pequenino deus num boneco de carne, como os outros. Não; não a podia perdoar!

Como ser feliz, agora, sem as adoráveis preocupações que lhe dava o filho? A outra ficaria zangada, quando tivesse que esperar, pela noite a dentro; queixar-se de não ter que consertar roupa miserável; choraria quando ele voltasse aborrecido do campo e a espancasse. Por que lhe roubava, então, essa ventura? Não saberia que ela sentia prazer em esperá-lo até à

Conclua no pag. 10

Esta Nova e Maravilhosa Caneta

"Escreve sêco com tinta líquida".

A Parker "51"



A notável pena protegida do ar e do pó garante o início imediato da escrita — e um fluxo constante de tinta — característicos exclusivos da Parker "51".

Se lhe parece que todas as canetas-tinteiro se assemelham muito entre si — prepare-se para uma surpresa. Esta brilhante Parker "51" é tão diferente nos resultados práticos, como o é na aparência.

A pena é protegida, para que

possa iniciar a escrita sem jamais falhar e para evitar que a tinta lhe manche os dedos. Tão suave que parece deslizar sobre o papel.

E ao escrever... que maravilha! Só nela é que se pode usar a nova tinta Parker "51", que seca à medida que se escreve! Dispensa o mataborrão! Não obstante, pode-se usar qualquer outra tinta na Parker "51".

Se o seu fornecedor não a tiver, no momento, deixe o pedido feito. Mais tarde verificará que valeu a pena esperar.

Com capas de prata ou chapada a ouro. Cores: Preto, Azul, Cinzento e Marron.

GARANTIA VITALÍCIA - O Lozango Azul "Parker", encaixado no segurador, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por toda a vida deste, e que garante o reparo de qualquer desarranjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para a embalagem, parte e seguro, cobrar-se-á apenas a importância de Cr\$ 10.00.

Preços: Cr\$ 375.00 e 450.00 em todas as boas casas do ramo.

Parker "51"

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.ª de Março, 9 - 1.º - Rio de Janeiro



QUANDO FALA A SCIENCIA

Cumpra ouvir-lhe a advertência. A pelle flacida, sem viço, é começo de velhice precoce. O uso do Creme Rugól, em massagens diárias, fortalece os tecidos e enigora a epiderme, porque Rugól se infiltra até às camadas sub-cutaneas, agindo como revitalizador. Com Rugól a pelle se conserva sadia, sem cravos, espinhas, manchas e rugas.

Creme
RUGÓL
ALVIM & FREITAS, LTDA. • S. PAULO

Tratar a prisão de ventre com

PILULAS DE BRISTOL,

que asseguram uma suave e perfeita limpeza do estomago e intestinos, é o mesmo que renovar estes órgãos, e isto importa em um optimo funcionamento.

L&K

A VIDA E A MORTE

(Conclusão)

O equilibrado. — Em suma, segundo essa doutrina, teremos de concluir que é louco quem trabalha de dia e dorme de noite, e que têm razão os outros, o senhor e os seus mil ou dois mil companheiros, quando da noite fazem o seu dia...

O desequilibrado. — Nada disso, meu amigo. Peço apenas aos outros, aos homens são de espírito e de corpo, que sejam indulgentes com os que, por diversidade de sistema nervoso e de misteres, preferem viver no período do dia astronómico chamado noite, em lugar do outro, do que é iluminado pelo sol. Pelo fato dos libertinos e dos gatunos terem declarado oficialmente a noite como "as suas horas de trabalho", não se deve concluir que de noite não se possa conduzir uma vida laboriosa, honesta, regular. Os posteros hão de falar destes seres noturnos como de uma espécie melhor, mais sensível, mais evoluída, mais decadente, mas também mais pura, que prefere separar-se de uma sociedade maldosa e viciada, para viver, em si e para si, nos clubes, nos cafés, nos restaurantes, na rua: onde também os outros vivem, mas não às mesmas horas. Se pouco lhes importa que eu resida em Buda em vez de residir em Pest, a mesma indiferença devem demonstrar no caso de eu preferir viver de noite e não de dia. Façam como eu faço: adoro a noite, mas não censuro nem maldigo os que vivem e trabalham de dia...

SOB A VELHA MANGUEIRA

(Conclusão)

madrugada, para merecer-lhe o café quente e fresco, de que tanto gostava?... Que bendizia o seu estouvamento, o qual lhe dava oportunidade para consertar a roupa e o calçado, amando cada botão de sua camisa, cada pedacinho de sola de sua bota, porque eram pedaços que estavam em contacto com "Ele"?... Que ouvia calada e submissa os insultos do rapaz, dando graças ao céu por conseguir, assim, acalmar-lhe os nervos excitados?

Seria, dora em diante, não mais a acalentadora de seus sonhos agitados, mas a "velhinha" esquecida, neurastênica e impicante. O seu rapaz não seria filho, mas espóso. Logo, outras crianças apareceriam, outros passinhos miúdos percorreriam a casa, subiriam à velha árvore do quintal...

Sem saber por que, aquela lembrança fez-lhe bem; imaginou os meninos a quebrar vidraças e fazer diabruras, com o mesmo arzinho malicioso do filho, e riu baixinho. Já não lhe parecia tão tris-

te a presença da jovem noiva, que povoaria a casa de novos pimpolhos. A árvore amiga parecia-lhe, também, lastimável, com as suas aves canoras e bonitas, espetadora, apenas, daquele ininterrupto desfile de gerações, sob as suas frondes...

Sobressaltou-se com o latido do vigilante, no pomar; seus olhos caíram sobre a roupa estendida do arame. Assim que o doce estivesse pronto, passaria a ferro as camisas do filho, e o terno novo para o casamento.

Seu rosto marcado pelos anos e pela miséria, curvou-se para o fogo, outra vez. Interrompido por um instante, o vai-vém da colher de pau continuou.

Lá fora, alheios à vida, que palpitava a seu redor, o casal de noivos fazia planos e juramentos para o futuro.

Tonta de luz, inebriada pelo perfume penetrante das folhinhas novas, que enfeitavam o campo, a passarada esvoaçava cantando pelos ramos da velha mangueira...

SUPER CERA
GOSCH
PARA SOALHOS

USANDO-A UMA VEZ POR MÊS
TERA' O SOALHO
SEMPRE BRILHANTE

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

* **Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, peso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

A melhor homenagem DE HORACIO WINSLOW

CELIA RIDLEY estava em pé atrás da última fila de cadeiras alinhadas no jardim do sanatório. Essa manhã seu espôso havia saído para o escritório mergulhado em um de seus habituais acessos de melancolia. Esse simples fato a fizera profundamente nervosa. Com a esperança de acalmar-se, Celia comparecera à inauguração da nova ala do hospital. Mas nem as pessoas nem a ocasião surtiram o menor efeito em seu estado de espírito. Carrancuda e triste, olhava por cima dos espectadores para o estrado onde o rosado e majestoso senhor Dickinson se achava sentado junto à ainda mais rosada e majestosa senhora Dickinson.

— Saudamos nossa gentil convidada de honra!

E o eloquente orador voltava-se, com uma cerimoniosa inclinação de cabeça, para a senhora Dickinson, e prosseguia:

— Saudamo-la não só em seu caráter de inspiradora desta magnífica doação a nosso hospital, mas também em sua condição de mãe e esposa mais distinta da cidade.

— Exatamente. Mãe de três pequenos demônios — comentou a senhora Ridley, sardonicamente, para si. — Educados exclusivamente por amas, governantes e tutores. Perguntau aos vizinhos. Eles sabem...

— Aqui, na Inglaterra —

continuava o orador, — podemos vangloriar-nos da sublime abnegação de Florência Nightingale, como França pode orgulhar-se dos maravilhosos descobrimentos científicos de madame Curie. Mas, não menos orgulhoso, nosso povo honra hoje nossa Grace Dickinson, cujo nome será recordado enquanto uma pedra desta nobre estrutura continuar unida a outra; será recordada como exemplo de longa e ardente preocupação pela infância enferma e desvalida.

— A verdade em seu ponto — continuou a senhora Ridley para si mesma — é que nossa Florência Nightingale local entrou exatamente duas vezes na sala dos meninos, o que não impede que esta nova ala receba, agora, seu nome. Ninguém batizará sequer uma cama de hospital com meu nome. Isto prova que é mais conveniente casar com um milionário que com um astrônomo amador.

Um acidente automobilístico, ocorrido dois anos atrás, fez com que Donald Ridley se transformasse, de um homem com um interesse superficial no céu, em um fanático das constelações.

— Deixe-o que contemple as estrelas — dissera-lhe o médico. — Sim, falo com sinceridade. Durante muito tempo ele vai sofrer da repercussão das consequências desse acidente, e se não tivesse algum passatempo

fora das horas de escritório, acabaria ficando louco e tornando-a também louca.

O orador continuava analisando as excelsas virtudes da senhora Dickinson. Em uma orgia de palavras, considerou a mulher de Péricles, Joana d'Arc e outras não menores figuras da história, para compará-las, com expressa desvantagem destas, com Grace Dickinson.

— O doador deste edifício — concluiu — negou-se a aceitar qualquer homenagem por seu gesto, afirmando que tudo o que é hoje em dia, deve-o à influência dessa "brilhante e única estrela" que foi a companheira de sua vida. E como ratificação pública desse fato, solicitou que esta nova e magnífica ala seja batizada oficialmente: "Pavilhão de Meninos Grace Dickinson". De agora em diante, pois, e para sempre, será "Pavilhão de Meninos Grace Dickinson".

Enquanto a dama agradecida agradecia os aplausos, inclinando-se ruborizada e graciosamente, Célia dirigia-se a si mesma, com severidade:

— Minha excelente senhora, és pobre, mesquinha, indigna e sem o menor sentido de fidelidade. Suspeito que o ciúme está devorando-te. O homem com quem te casaste pode não apreciar-te dessa forma grandiosa e solene do senhor Dickinson, mas te ama e tu o amas, e isso é

quasi demais, porque é tudo. Reage! Coloca-te á altura de tua dignidade habitual. Olha sorridente o estrado e estreita sem reservas a mão da senhora Dickinson.

Assim o fez e descobriu, com espanto, que seu mau humor se havia evaporado.

— E agora — aconselhou-se a si mesma, — vai para casa e prepara-te para receber Donald. Embora julgues que não és apreciada como o mereces, procura mostrar-te afável, contente e agradecida.

Estava tão resolvido a cumprir com suas boas intenções, que, ao passar pelo pequeno "observatório" que seu marido tinha no segundo andar, não resistiu a uma tentação que muitas vezes fora irresistível. Havia papéis não só revoltos na secretária, mas também no chão, e por toda parte. Mas ela respeitou o que sabia era o desejo do espôso, e reprimiu sua invencível necessidade de limpar e pôr ordem naquelas coisas.

Às seis da tarde, quando Donald apareceu, com os lábios esforçando-se por sorrir, ela estava tranquila e animada.

— Como te foste no escritório? Muita diversão, como de costume?

— Isso é o que supõe o chefe.

— Muito trabalho?

— Como para um escravo.

Durante o jantar, ele falou muito pouco. E pareceu querer evitar os olhos dela.

Célia pensou falar-lhe da absurda homenagem dessa manhã no hospital, da invejável honra que o dinheiro do senhor Dickinson havia conquistado para a vaidade de sua espôsa. Mas a expressão taciturna e audente de Donald a deteve. E o

temor de que ele interpretasse com uma censura suas palavras.

— Espera — disse ele quando, terminado o jantar, ela corria a cadeira, para levantar-se.

Estendendo a mão, apoiou-a no ombro de sua espôsa, e repetiu:

— Espera, Célia.

Sua voz era estranha e brava com grande dificuldade.

— Não te sentes bem, Donald?

Ele meneou a cabeça.

— Não. Não se trata disso. Somente... Somente... é que é difícil começar...

Com repentino terror, ela se recordou dos momentos em que ele, de súbito, ficava com a língua presa e em que seu visível esforço por exteriorizar os pensamentos em palavras acabava tirando-lhe também a voz, e envolvendo-os a ambos em uma sombria e angustiante incapacidade de falar. Iria suceder-lhe isso agora? Célia sentiu que o sangue lhe deixava as faces.

— Que há, Donald?

— Não há nenhum motivo para que te assustes, Célia. É somente...

— Dize-o!

— Bem sabes, Célia, que quando estou emocionado... Quando... (Encheu de ar os pulmões e endireitou-se). O que... o que quero dizer-te... Em uma palavra, eu quisera poder expressar-te tudo o que sempre significaste para mim, sobretudo nestes dois últimos anos... (Passou a mão nervosa pelos cabelos). Há muito que eu queria dizer-te isto. Mas... era-me impossível. Nunca saberás quantas vezes, depois do acidente, a vida me pareceu sem finalidade. Quantas vezes me pareceu que nada valesse o esforço

que custava. E quantas vezes eu quis abandonar a luta. Mas tu te ergueste a meu lado, me seguraste, lutaste pelos dois... Tua coragem, só tua silenciosa coragem conseguiu o que me parecia impossível...

Ela deixou sua cadeira e foi ajoelhar-se ao lado dele.

— Mas, meu Donald, eu não fiz nada, não fiz...

— Fizeste tudo. Devolveste-me a vida. Devolveste-me o alento para a luta. Abnegadamente, dia após dia, refizeste minha vida...

— Não, Donald. Não fiz nada. E estás fazendo-me chorar!

— Chora. Chora por mim, meu amor... Tantas vezes eu quis chorar e não pude...

Célia enxugou, vagarosamente, as lágrimas, e sorriu. E pensou que era a primeira vez que realmente sorria desde a noite, aquela terrível, inolvidável noite, do acidente.

— Estas lágrimas são a felicidade, meu amor.

Donald acoriciou, enternecido, o queixo de sua espôsa.

— Penso no tempo em que sei quanto te devo, e na minha incapacidade para fazer-te saber de algum modo... E nem sequer, nestes dois anos que passamos juntos, existia a probabilidade de economizar um pouco de dinheiro para dar-te algum presente...

— Presente? (E ela ergueu a cabeça). Mas, Donald, não vês que o que acabas de dizer me fez mais feliz que o melhor dos presentes?

Mas ele continuou, gravemente:

— No entanto, era preciso que eu te provasse o meu amor e minha gratidão de algum mo-

(Conclue na pág. 66)

Notas de ARTE

COMPANHIA DRAMÁTICA FRANCESA. — Em 8ª e última noite de assinatura a Companhia Berendt levou à cena do Municipal, na noite de mercurial, 4ª.-f., 28 de junho a comédia em 3 atos de Francis Croisset e Mme. Fréd Gressac — *La Passarelle* (O Passadico?), com a seguinte distribuição: Jacqueline — Rachel Berendt; Hélène — Lisette Chambard; Rosaline — Renée Barrell; Victoire — Renée Casanova; Roger de Gordenes — Jacques Aslan; Bienaimé — Maurice Castel; Baptista — Lucien Ramet; Planche — Henri Doyen.

Continuando enfermo, fomos ainda uma vez substituído pela pessoa que em nosso lugar assistiu a FRÉNÉSIE e disse da atual como dissera da anterior apresentação. Damos-lhe a palavra "LA PASSARELLE de Francis Croisset — escreve a nossa graciosa substituta — tipo *vaudeville*, muito do agrado do público, encerrou as noites de assinatura deste ano, na temporada francesa do Municipal. Embora feita com a colaboração de Mme. Fréd Gressac a peça mostra pouca originalidade feminina e muita malícia masculina, donde se conclue que ela obedece só ao gênero Croisset, já conhecido e apreciado sobejamente.

"Escrito para divertir para rir, longe de comentários morais, LA PASSARELLE é cheia de situações e frases equivocadas que provocam a comicidade, do princípio ao fim, e que escandalizariam também, se não estivessemos salvos pelo encantamento com que recebemos sempre o espírito francês e dele nos inebriamos, seja qual for o pendor das suas radiosas facetas.

"LA PASSARELLE é um teatro bemoloso, não há dúvida, pela *blague* constante, pelos diálogos, crús, sem nuances, mas não o é pelo argumento. Esse argumento é simples: podia quase servir a um romance de Delly... Sim, porque é até poética essa história de Roges de Gordenes — *bon vivant*, rico, alegre e inconsequente (admiravelmente interpretado por Jacques Aslan), que, para salvar as aparências e unir-se legalmente à mulher que ama e de quem provocou o divórcio, Hélène — parisiense, nervosa, amante, impura — (bem vivida pela elegante Lisette Chambard) resolve casar-se, apenas pelas conveniências, sem direitos de marido, com Jacqueline — criatura encantadora mas arruinada — (bom desempenho de Rachel Berendt), que viera para Paris a procura mesmo de um casamento

rico. Embora seja um casamento fictício, Jacqueline aceita a proposta de Roger pelo bom dote que receberá, quando vier o divórcio, permitindo a Roges casar-se com Hélène. Planos todos engendrados pelo astuto advogado do casal amoroso em dificuldades. Bienaimé, e que é, justamente, o padrinho de Jacqueline, a cuja personalidade Maurice Castel empreitou o corretismo habitual das suas interpretações. Tudo iria *sur des roulettes* se, um ano depois do casamento de mentira, Roges — que estivera longe da esposa desde o dia do enlace e que a julgava feia e sem atrativos, graças aos prósptais disfarces de Jacqueline para evitar ciúmes em Hélène — tudo conselho de Bienaimé — não viesse à casa de Jacqueline para combinar o divórcio. Tal como nos romances de Delly, repetimos, Roges sente, então, a graça e a beleza de Jacqueline e por ela se apaixona. Hélène desilude-se. Roger e Jacqueline vão ser, de verdade, marido e mulher.

"Francis de Croisset, belga de nascimento, penetrou com ironia e inteligência na moda parisiense e venceu pelas suas comédias cómico-sentimentais, muito livres sempre, e das quais LA PASSARELLE é um frisante exemplo. Datando de 1902, sendo assim

Emagrecimento?

AS FORÇAS FALHAM...

Quando as carnes diminuem e os músculos se tornam flácidos resultam:
— debilidade — que conduz às doen-

ças. A EMULSÃO DE SCOTT — riquíssima em vitaminas e cálcio — é alimento concentrado do mais puro óleo de fígado de bacalhau — enriquece o sangue, tonifica o organismo.



EMULSÃO DE SCOTT

Tônico das Gerações



- Até de olhos fechados distingo

é Sabonete
LEVER!

AMIGA - De fato! Este é Sabonete Lever! Como é que você sabe?

ELA - Ah! É fácil. A coisa que logo me diz que este sabonete é Lever é sua deliciosa suavidade?

AMIGA - E você sabe porque Lever é feito assim?

ELA - Certamente! É para produzir espuma com rapidez! Veja - bastam cinco ligeiras fricções das mãos e, imediatamente, surge a rica, abundante espuma que, com igual rapidez, estende-se sobre a pele, absorvendo e removendo todas

as impurezas e resquícios da "maquiagem".

AMIGA - Com apenas cinco fricções? Formidável! Então gasta pouquíssimo!

ELA - É evidente! Com Lever, não se desperdiça, esfregando. É isto que o torna tão econômico e de uma durabilidade incontestável, que pode ser comprovada, marcando-se o dia em que entra em uso. Além de tudo, Lever é o adorável sabonete recomendado por 9 entre 10 estrelas para uma cutis macia e juvenil.

★ LEVER - o sabonete das estrelas!

LINTAS LT5 69-0251 B

uma das mais antigas produções do escritor ressentem-se já de qualquer tonalidade batida e cansada, vulgaridade do tempo, da qual só escapam as verdadeiras obras de arte.

"Bonito o último cenário de LA PASSERELLE e feliz a interpretação do elenco, sendo que sobressaiu o trabalho de Jacques Aslan.

"Foram justos os aplausos no final do último ato, que a peça é interessante e comica, e mais ao sabor de uns, menos ao sabor de outros é afinal aceita — por todos... que *malgre soi on est de son siècle*.

"Embora a Companhia Dramática Francesa deste ano esteja longe de satisfazer o gosto apurado do carioca, habituado às Companhias de escol, merece entretanto encomios e estímulo, por tratar-se de uma Companhia organizada no meio das mil difi-

culdades determinadas pela guerra, e com muito esforço e vontade, e ainda por contar com elementos bem apreciáveis, alguns dos quais excelentes."

...

Na noite de venerdì, 6.º f., 30 de junho, em récita extraordinária, foi representada no Municipal pela C.D.F. que trabalha nesse teatro a peça em 3 atos de Jacques Deval — MADEMOISELLE com a seguinte distribuição: Lucien Galvoisier — Maurice Castel; Alice, *sa femme* — Henriette Rioner Morineau; Hélène, *femme de chambre* — Suzanne Martin; Christiane Galvoisier — Renée Barell; Valentin, *valet de chambre* — Henri Doyen; Mademoiselle — Heddy Crilla; Mauria Galvoisier — Emmanuel Descalzo; Thérèse, *femme de chambre* — Cheli

Sátalen; M. Bondin — Jacques Thiery; Edouard, *valet de chambre* — Lucien Damet; Juliette, *femme de chambre* — Renée Casanova.

Ainda impossibilitado por moléstia que nos levou ao leito, substituiu por nós a peça de Deval, e lhe escreveu a crônica, a mesma senhora que também nos substituiu no espectáculo de — *Nous ne sommes pas mariés*. Embora não seja uma escritora na significação precisa do termo, possui, entretanto, incontestáveis dotes para o ser, e só-lo-a naturalmente se se dedicasse ao exercício das letras.

"A peça MADEMOISELLE — escreve a nossa gentil e inteligente substituta — é uma sátira aos costumes modernos, mas uma sátira sem sentido de moralidade.

(Continua no pág. 19)

De HOLLYWOOD para

EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DO CINEMA

Continuação II

A bordo do "Bourgogne"

Felix Mesguich chegou a Nova York em junho de 1896, quando o cinema tinha apenas meio ano de idade.

Antes de desembarcar teve que fazer certa declaração aduaneira a qual, como se verá mais adiante, teve graves consequências para a própria vida do invento de Lumière nos Estados Unidos.

Cada operador, com efeito, ao chegar aos Estados Unidos, devia assinar uma declaração afirmando que seu material devia ser considerado como *instrumento de trabalho pessoal*. Decorria disso a isenção de impostos de entrada no país.

Como sucedeu a Mesguich, o mesmo se passou com vinte e um outros operadores que chegaram aos Estados Unidos, alguns meses depois da vinda do pioneiro de Lumière.

No cais, Mesguich encontrou o sr. M. W. Allen, representante do empresário M. Hurd. Ainda no carro que os conduzia ao hotel, Mr. Allen expôs ao embaixador do cinematógrafo nascente todo o grande programa a realizarem nos Estados Unidos, cujo povo estava ansioso por conhecer essa maravilha surgida na França e inventada pelos irmãos Lumière.



JOAN FONTAINE foi escolhida, pela Paramount, para encarnar o emocionante papel de Dona St. Columb, ao lado de Arturo de Córdoba, no filme "Gaivota Negra". — «Gary Cooper» terá no filme "Pelo Vale das Sombras", um papel real e emocionante. Pois esse filme narra a aventura de um médico norte-americano, durante a evacuação de Java.





NÃO sei se terel razão declarando que o título em português deste filme de Ginger Rogers ("Tender Comrades") poderá afugentar pessoas predispostas a julgar espetáculos só prioris, apenas pela significação do título. "Mulheres de Ningüéns", em nossa idioma poderá sugerir qualquer história de mulheres que não têm espousa no sentido de infidelidade social. Entretanto, o filme em questão é um dos mais belos e emocionantes dramas humanos. É a história de uma mulher, a heroína das "Mulheres de Ningüéns", que durante a guerra, com o marido morto, luta para a libertação da sua pátria. (Ginger Rogers, o filme em questão é um dos mais belos e emocionantes dramas humanos. É a história de uma mulher, a heroína das "Mulheres de Ningüéns", que durante a guerra, com o marido morto, luta para a libertação da sua pátria.)

O filme da semana

laureada da Academia, uma estrela de imensa grand-za, tem nesse filme um dos pontos culminantes na escala da sua glória artística. Ginger Rogers, no final do drama, quando ela conversa com seu filhinho de meses, sobre os sacrifícios que seu pai está fazendo nos campos de batalha, lutando pela liberdade de seu país, de sua mulherzinha e daquele pequenino ser ainda tão inocente, quando ela balança com o bebê, ninguém pode sustar as lágrimas, tão emocionantes, é a cena, acrescida de certas particularidades que deixamos de enumerar, afim de não antecipar os mais belos e edificantes motivos desse grande filme. E tudo isso sem se ouvir um tiro, uma bomba, nada que signifique a guerra. "Mulheres de Ningüéns" é uma apologia à grandeza moral da mulher e um exemplo de dignidade feminina, diante das horas cruciantes por que passa o mundo. É um tema social; não é filme de guerra.

RENATO DE ALENCAR

Cotação: Ótimo.

Antes de ir para o hotel, Mesguich passou pela sede do "Lumière's Cinematographe Office", instalado no nono andar (já áquele tempo!) do "Kosters-and-Beals Theater", em "Madison Square" 29west 30th street.

De infeto ,ao atravessar das ruas, notou Mesguich o movimento da cidade, suas praças; ruas e avenidas cheias de vida.

Logo que a sessão comum e habitual do "Kosters" terminou e o salão ficou vazio, Mesguich meteu mãos á obra, experimentando a cabine de projeção, a instalação elétrica, a grande tela, etc. Depois de examinar tudo, teve que mudar a objetiva do projetor, obtendo com isto melhores efeitos. Ele ia introduzir nos Estados Unidos uma novidade inventada na França e, dessa primeira impressão resultaria o sucesso ou o fracasso.

Diante de algumas autoridades de Nova York, do gerente do teatro e do maestro da orquestra, Mesguich dá início á exibição do cinema Lumière, para aqueles convidados.

Ao terminar, as felicitações, os abraços, as exclamações de entusiasmo daquela exclusiva e limitada assistência foram unânimes e veementes. Mesguich estava radiante. O espetáculo empolgava a todos, e a opinião geral era a de que, no dia seguinte, isto é o da inauguração, a sociedade nova-iorquina ia aplaudir e consagrar o famoso invento europeu.

Felix Mesguich, porém, ainda estava apreensivo. Não seria aquele estímulo um produto da hospitalidade norte-americana? Iria a assistência aplaudir o cinema de Lumière? Não daria preferência ao Kinetoscope de Edison?

E foi assim meio inquieto que Felix Mesguich recolheu-se aos seus aposentos e aguardou o inesquecível dia do lançamento do cinema nos Estados Unidos: — 18 de junho de 1896.



COMO sempre, os dois heróis de tantas «altas malandragens» vêm-se às voltas com a polícia. Desta feita, Grover e Wilbur estavam esfomeados e a pequena Princess, penalizada, convidou-os para um almoço, num restaurante, onde o gerente era um talento de eficiência (pelo menos tinha assegurado isto ao proprietário, ao pedir o emprego). Trata-se de Warner (Eugene Pallette). Grover sai, para tratar de um negócio, e deixa Wilbur encarregado de pedir o almoço. Como o restaurantet estivesse repleto, Wilbur pede licença a três cavaleiros (Shemp Howard, Eddie Quillan e David Hacker) para tomar a mesa, pois os três tinham justamente terminado a refeição. Eles, com uma gentileza descabível, oferecem-lhe o lugar e a conta sem que Wilbur percebesse logo que tinha caído num conto do vigário.

Quando chegou a hora de pagar, ele foi agarrado pelo gerente, e só conseguiu safar-se porque aparece Princess, para garantir a despesa, embora ela estivesse também sem dinheiro.

Não é preciso dizer que o dono do restaurante, tendo provas da verdadeira eficiência de Warner, pois lo-

go o primeiro freguês de... não sem pagar, despede-o sem mais delongas.

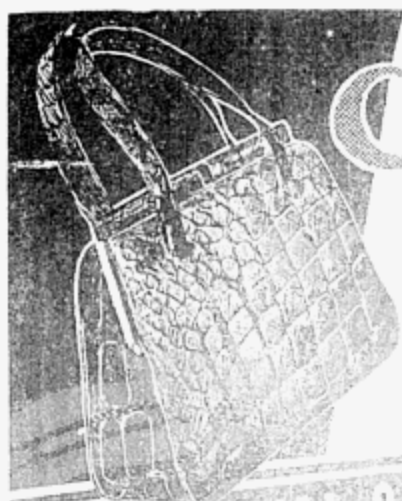
Eis que aparecem novamente os 3 espertalhões do restaurante, para atrapaalharem mais uma vez a vida de Grover e Wilbur. Nesta vez vendem nos dois um cavalo que se encontra num box da estalagem pertencente ao Coronel Brainard (Samuel S. Hinds), dono do cavalo «Teabiscuit» — o favorito de uma prova a se realizar por aqui logo.

Wilbur, não se sabe como, dá vez de tirar o cavalo roubado, roubado, inconscientemente, Teabiscuit, e leva o cavalo até o quarto de hotel, o que já em si parece uma coisa impossível, mas eles sempre sabem fazer o impossível...

Embora o cavalo não esteja ao poder do dono, este, por um motivo sentimental, não retira sua besta, e, no dia da corrida, lá vão estas trocas inexplicáveis e Teabiscuit corre, embora com vantagem. O único que tinha apostado em Teabiscuit havia sido Grover, e, para enorme surpresa de todos, o vencedor é realmente Teabiscuit.

O filme acaba numa festa de arrabal, onde Kitty (Gene Raymond) e Joe (Leighton Stollar) que tinham acompanhado todas as aventuras de Grover e Wilbur, decidem por se casar.





ARTIGOS DE

Couro

A seção de Couros de Mappin & Webb, com esboços permanentemente renovados, apresenta sempre novos modelos e grande variedade em objetos dignos de uma visita de V. S.

MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 101 - RIO

1A-MW-17

porque no fim não surge a idéia da reprovação dessa moral às avessas. Há nela a liberdade completa da juventude que conduz aos maiores desmandos. Gira em torno do assunto escabroso de uma moça que dá um mão passo. A mãe, toda entregue ao seu critério absoluto de futilidades, não se apercebe do que se passa.

"O caráter, porém, interessante e profundo está representado na *Mademoiselle*, a governanta que, sob a capa da severidade e da frieza, esconde terno e muito humano coração... repleto principalmente do instinto maternal que as circunstâncias lhe negam efetivar por ser a *institutrice feia* e pobre... *Mademoiselle* enfim... solteira e honesta. Ela vê — nas consequências da cabeçada da moça cuja guarda acaba de lhe ser confiada — o dedo do Destino, que lhe manda assim um bebê a quem amar com todo o carinho desvelado de que é capaz. Procura amparar moralmente a doidivana até o nascimento do bebê e, então, apresenta as despedidas à família desmiolada, para entregar-se toda ao sonho da sua vida — tomar aquela criança como se fosse sua e passar assim a existência votada ao amor maternal que lhe enche o coração.

"Hedy Crilla foi admirável no

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

papel da estranha *Mademoiselle*, cheia de secreta ternura.

"Henriette Morineau é a artista de sempre, multifôrme e perfeita — tão diferente da Ester de FRÉNESIE que no primeiro momento quasi não se chega a reconhecê-la. Faz o papel da dona da casa, da mãe de família que contudo tira o prêmio da frivolidade. No desempenho não se sabe o que mais agrada nela se a dicção perfeita, se o temperamento vibrante ou se afinal o timbre da voz.

"Maurice Castel, no papel do advogado — dono da casa — foi muito bem natural e convincente.

"Renée Barell também foi esplendida. Christine Galvoisier, moderna e irremediavelmente fútil e inconsequente.

"Emmanuel Descalzo, do mesmo modo que a sua irmã (na peça) — "juventude estouvada" — se desincumbiu bem do papel de filho de "papai rico".

"Lucien Damet foi o Edouard — *valet de chambre* — saiu-se bem com toda a antipatia que o papel indicava.

"Enfim, embora o final, como em princípio dissemos, não trou-

xesse nenhum ensinamento qualquer de moral, a peça foi boa, cheia de vida e calor. Pena a casa não estivesse tão cheia como tem estado em noites de assinatura, porque foi realmente um espetáculo digno de lotação esgotada".

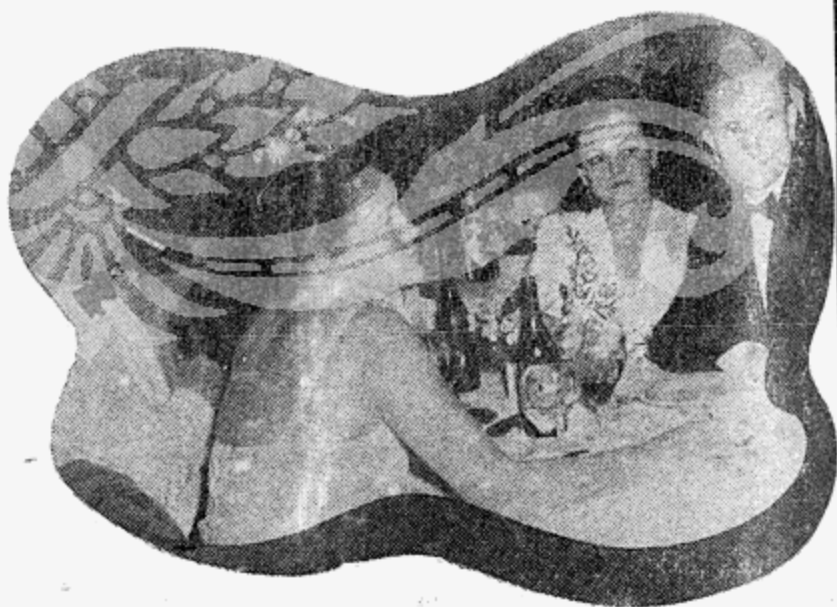
SKENKAR. — 4ª da série vespertina da temporada de 1944 realizou-se no Teatro Municipal na tarde de sábado, 24 de junho, mais um concerto sinfônico da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência ímpar de EUGEN SKENKAR, tendo sido executado este programa: I) BACH — *Suite em si menor* (para flauta e orquestra de cordas); solista — Moacyr Liserra; HENRIQUE OSWALDO — *Romance* (para orquestra de cordas); RICARDO STRAUSS — *As tentações de Till Eulenspiegel*; II) TCHAIKOWSKY — 5ª Sinfonia a) alegre com animo — b) andante cantabile — c) allegro moderato — d) allegro vivace. . . .

Regidos com a mestria de sempre e executados por uma orquestra que vai dia a dia se aproximando mais do altiplano em que paira o seu excepcional regente, todos os números impressionaram fortemente o auditorio numeroso

(Continua nas pags. 22 e 23)



Nestas noites de inverno que mais parece outono por sua suavidade, a vida mundana carioca esplende de graça e brilho. Erra por tudo uma ansia imprecisa de coisas inéditas; anda pela alma da gente uma ansiedade sem remédio, fruto certamente da renovação da Natureza que se prenuncia como uma alélua triunfal. Já em meio, a parada das elegâncias prossegue magicamente, emprestando às reuniões sociais um misto de sedução e encantamento que ainda mais oniviam os elementos exponenciais da nossa «haute-gomme». No Posto Seis, na tenda maravilhosa da Alcoria que é a «hoite» tricolor do Casino Atlântico, a farandula dos «viveurs» noite a noite se modifica. Diariamente se renova a procissão dos seus frequentadores, como as vagas que lá à sua frente se escachoram sem cessar, repetindo a cantilena de sempre.



CASINO



melopéa eterna narrando histórias novas aos ouvidos dos anamorados de Selma suprema e da Harmonia dos fenômenos naturais — mensagem de Deus pela via di-

ferente e entretécida de espumas dos gênios submarinos, ferindo-os de encontro às areias ou às penedias da costa. E' que lá, no aconchego do salão tépido onde os vastos espelhos e os tapetes felpudos e macios dão um aspecto nobre e aristocrático a todo o ambiente, as pessoas de bom gosto encontram o terreno propício aos jogos do espírito e o convívio se-
leto a que se habituaram de há muito nos seus itinerários pelos melhores «night-clubs» do Velho e do Novo Mundo. E' que no «music-hall» distinto do Casino Atlântico, os que apreciam a boa mesa e os bons e generosos vinhos antigos sabem que ali poderão satisfazer seu paladar requintado, distraíndo-se ao mesmo tempo com as músicas executadas por orquestras modernas e afinadas e assistindo espetáculos magníficos de arte e elegância.



Atlântico

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

e seletor — onde figurava o notável maestro austriaco, Erich Kleiber — auditorio que, sem favor mas com justiça sandou entusiasmaticamente o mestre dos mestres da batuta que é SZENKAR — e todos os seus comandados, especialmente Moneyr Liseras que deu especial relevo aos solos de flauta. Embora indo mercesse e obtivesse abundantes aplausos, são dignos de especial menção, pela beleza simultânea das composições e das interpretações, a *Sarabanda* e o *Minuetto* da SUITE de Bach e toda a 5ª SINFONIA de Tchaikowsky, onde aliás, avultou, primeiro entre primeiros, o *Andante cantabile*, uma das mais belas expressões musicais da angústia humana, poema de magua e de saudade, que a batuta genial de SZENKAR, parece haver tornado mais bela, mais comunicativa, do que a maravilhoso poder emotivo. O auditorio empolgado ia irromper em vibrantes e calorosos aplausos quando um pisi qualquer — deteve o entusiasmo, lembrando a regra de que os aplausos se guardam para o fim de cada peça. A propósito observamos: Essa, como toda regra, tem exceção. Não se compreende se sufocou o entusiasmo imediato produzido por uma exibição artística — e que é a medida do excepcional valor emotivo da obra exibida e de seus intérpretes — só para não infringir uma regra estabelecida para os casos normais, desde que essa infração não perturba, não interrompe o seguimento da execução, naturalmente já interrompida pela divisão seccional da composição. Terminado o *Andante cantabile*, podia ser ovacionado sem que houvesse solução de continuidade na interpretação total da sinfonia.

Mas o que se não realizou após o *Andante*, realizou-se estrondosamente no fim da *Sinfonia*. O Municipal, inteiramente cheio, glorificou com palmas e bravos numerosos e incessantes o Toscanini húngaro. SZENKAR foi alvo de verdadeira apoteose.

KLEIBER. — Na tarde de sábado, 1º de julho, repetiu-se no Teatro Municipal, o 2º concerto sinfônico da Orquestra desse Teatro sob a notável, e sábia regência do maestro austriaco Erich Kleiber e que se efetuára no mesmo recinto em a noite de jovedia, 29 de junho com o seguinte programa: I) JOÃO CRISTIANO BACH — *Sinfonia em ré maior*, op. 18, n. 3. para duas orquestras: Allegro — Andante — Allegro;



DIA 20

Bud ABBOTT e Lou COSTELLO

ALTA Malandragem
(It Ain't Hay)
Uma comédia de DAMON RUNYON

com
Groce McDONALD Cecil KELLAWAY
Eugene PALLETTE Patsy O'CONNOR
Richard LANE
Leighton NOBLE e sua Orquestra

Acompanham
COMPLEMENTOS
NACIONAIS

Bôa digestão
Organismo são
As
PILULAS DE REUTER
Asseguram digestão rápida e fácil.

Brasso dá brilho AOS METAIS!

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Alimenta a pele — contra as rugas
A VENDA EM TODA PARTE

WAGNER — *Preludio* da op. "Lohengrin"; FRANCISCO MIGNONI — *Momus* (poema humorístico); II) DVORAK — *Sinfonia* n. 5 em mi menor, op. 95 (Novo Mundo): a) *adagio* — *allegro* molto; b) *largo*; c) *scherzo*, d) *allegro con fuoco*.

A *Sinfonia* em ré maior é dos mais belos e característicos espécimes do estilo do "Bach de Milão" ou "Bach de Londres" — autônomo por que era conhecido o filho mais moço do Patriarca da Música Sinfônica o celebre JOÃO SEBASTIÃO BACH, dada a circunstância de sua carreira artística se haver realizado sucessivamente naquelas duas cidades. "Seu estilo — escreve um comentarista — essencialmente galante e bem de acordo com o seu caráter bastante colural e encantador, teve retumbantes sucessos na época, e Mozart, que era inequivocamente seu contemporâneo, gostava de reconhecer tudo que a ele devia." Parece mesmo que Mozart provém mais de Bach João Cristiano do que de Bach João Sebastião: da arte mais graciosa, mais sutil, mais leve de João Cristiano do que da arte grave e profunda de João Sebastião. Como João Cristiano, Mozart, cultivou a ópera, gênero que João Sebastião detestava... Na *Sinfonia* em ré maior, além da própria beleza intrínseca das melodias e harmonias, há que notar-se o fato original de ser executada simultaneamente por duas orquestras.

Em seguida o *Preludio* do "Lohengrin" não faz esquecer mas atenua as emoções produzidas pela *Sinfonia*, diante da beleza mística que refulge da página wagneriana: "o véo dos anjos desce das regiões azuladas para trazer a Titirel, o fundador e o primeiro guarda do Graal, o vaso sagrado no qual foi recolhido o sangue de Cristo expirando na Cruz. Aos primeiros tremolos dos violinos, o céu se abre, as falanges celestes descem para a terra, pairando sobre a fronte de Titirel, absorvido em sua prece e mergulhado num êxtase divino que o embriaga de sonoridades e o deslumbra de luz. Terminada a sua missão os mensageiros celestes deixam a Graal nas mãos do eleito de Deus e remontam aos céus onde os vemos pairar em alturas cada vez mais inacessíveis, até que desaparecem nas nuvens e se dissipam na bruma azulada dos espaços celeste."

Após ter subido a essas alturas, o ouvinte desce à planura, e escuta uma composição humorística de gênero totalmente oposto aos poemas de Bach e Wagner; é *Momus*, do brasileiro Fr. Mignone. Não gostamos do gênero, mas



Agua Florida MURRAY & LANMAN

dá ao corpo uma delicada fragância, tonifica a cutis e produz uma deliciosa sensação refrescante.

EM USO NO MUNDO INTEIRO DESDE 1808



BUSTO PERFEITO Hormo Vivos

Produto científico para embelezar os seios
O Hormo Vivos n.º 1 é aconselhado para os seios pequenos ou flácidos
e o Hormo Vivos n.º 2 para os seios grandes, volumosos.

Inofensivo à saúde. Absoluta confiança

para os que o apreciam, a obra do nosso patriótico é tão elogiável como *As travessuras de Till Eulenspiegel*, de Ricardo Strauss.

Por último a *Sinfonia* Novo Mundo, encerrou pomposamente o grande vespéral. Epopéia de duas patrias numa só fundidas: a natural, a Bohemia, onde nasceu o autor, e a artificial, os E.E.U.U., onde compôs o seu poema.

Salvo o de Mignone, Kleiber regiu tudo de cor, com sabedoria e beleza. Achamo-lo no 2º mais comunicativo do que no 1º concer-

to. Embora a sua regência não realize a maravilha que só em SZENKAR se verifica, de harmonizar integralmente a música dos gestos com a música dos sons, de tornar os sons visíveis pelos gestos, de antecipar a música pela mímica, de modo a dar a impressão de que a orquestra apenas repete o que lhe dita o regente com o coração na batuta, e com uma precisão, uma clareza, espantosas — todavia Kleiber rige com acatada magistralidade e se nos re-

(Conclue na pag. 65)



Assim afirma, com alegria, toda mulher que recorreu ao Tricófero de BARRY quando viu sua beleza gravemente ameaçada pela aparência opaca, áspera e enfermiga do cabelo...

Basta uma fricção diária com Tricófero de BARRY para que o pericrânio recobre sua saúde e as raízes recuperem sua energia. Como resultado natural, o cabelo volta a ser brilhante, loução e dócil, adquirindo maior formosura do que antes e sendo mais fácil pentear-se com toda a elegância.

Graças a este admirável poder vitalizante e embelezador, o Tricófero de BARRY é hoje reconhecido como o que há de melhor para o cuidado e conservação do cabelo.

Se seu cabelo está agonizando, isto é se lhe nota opacidade, se a caspa o invade e se cai facilmente ao pentear-se, não perca um instante! Faça logo uma fricção diária com

Tricófero de BARRY

Dentro em pouco se terá reunido aos milhões de homens e mulheres de todas as partes do globo que louvam este preparado.



Coroação de Maria

ALVARO LADEIRA

No momento em que penetramos, devagar, nas alas da Catedral Metropolitana, já se achavam ali os devotos ajoelhados, aguardando a Coroação de Maria, que, erguida num oratório improvisado, resplandecia no ângulo junto ao altar, onde as velas se multiplicavam entre edênicas decorações.

Da abóbada reluzente, feita de baixos-relevos preciosos, ondulavam tonalidades augustas, e os vitrais pareciam mais rútilos, como que anunciando o resplendor da consagração divina.

De repente, num ritmo delicado, a revoada branca de anjos, adejando da sacristia, e cujas asas translúcidas brilhavam sob as colunatas, contornou a Virgem.

Violinos brancos, então, numa harmonia furtiva, evolviam os sons suavíssimos para o ar balsâmico e o sacerdote surgiu no púlpito, paramentado, com a bata rubra e nêvea, no sentido de tecer o elogio da rainha do mundo — e a sua voz nítida, entre gestos ponde-

rados, ressoou no templo, pré-gando com eloquência tão inspiradora; e o padre parecia mais um poeta do que um orador sacro, pois, sufragando imagens de beleza, a evocou naquela consagração de maio, através das ladeiras sonoras: vestida de sol e nimbada de luar, ostentando na fronte um diadema de estrelas, exaltou, numa parábola milagrosa que nem Murilo prodigioso, ao delinear a sua ascensão num soberbo quadro, poderia perpetuar-lhe o êxtase, porque o pensamento humano se tornava irrisório diante de tão poderosa divindade.

Rafael, na exuberância lírica, enfunava-se como Velazquez, o mago do pincel, na fascinante inspiração, e ambos se quedavam ante o imaginário, sonhando, no idealismo artístico, compor o poema que São João Batista, humilde pescador da Galiléia, perpetrara nas escrituras, desde que os seus olhos pasmos se detiveram na transfiguração da Virgem, podendo assim

restaurar essa poesia do sol e essa majestade do luar, onde se fundem todas as luminosidades, nos quais bordara a aura que cingia a effigie inesquecível.

Baixando, aos poucos, o calor do discurso, afirmou que naquela tarde todos deveriam considerar-se felizes perante Nossa Senhora, que fazia a exortação monástica entre os homens, e, formulando alocuções em latim, desceu do taburno, enquanto os fiéis se prosternavam outra vez, orando.

Cânticos sublimes, entre hampas siderais, elevavam-se sagradamente e, então, á frente da falange dos anjos bons, que eram como crianças recebendo a primeira comunhão, um, mas ágil, dirigiu-se ao trono de bondade, onde a Mãe do Senhor esperava que a dignificassem.

Acercou-se de leve, e, brevemente depois a coroa sobre a fronte da Santa. Estava consumada a sua coroação.

Em seguida, formando uma fileira suave, aqueles vultos seráficos desapareceram entre hinos e graças.

De joelhos, na postura das súplicas cristãs, homens e mulheres ainda rezavam. Mais alguns momentos de redenção e a Catedral se envolveria em sombras.

Ungidos daquela atmosfera branda, saímos, cadenciando os passos pela nave radiosa, em cujos altares laterais pendiam, das paredes amarelas, relevos de santos, tão envolventes nas expressões misericordiosas.

Confraternizados espiritualmente com a vida, em torno das nossas almas purificadas, só persistiam sentimentos amoráveis.

A orla noturna, como misteriosa amante, já descera sobre o mar, cuja alegoria nos fez, instintivamente, reflexionar nos preceitos estéticos de José Henrique Rodó, olhando as estrelas que formaram emblemas rutilantes, colocados sobre a fisionomia angelical de Maria:

"Enquanto a multidão passa, eu observo que, mesmo que ela não olhe para o céu, o céu a contempla. Sobre a sua massa indiferente e obscura como a própria terra, algo desce do alto e a vibração dos astros parece as mãos de um semeador..."

31 de maio de 1944.

PRISÃO DO VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
"REGULAM O INTERIOR SEM TORTURAS"

Três destinos

Otilia Monteiro Stiebler

SEU riso claro, cristalino, feliz como a própria felicidade, esconde a dor do seu coração, a lágrima que rola intimamente, a mágoa de ser sózinha e incompreendido... Ninguém sabe que você padece e chora por uma mulher de olhos verdes como o mar e cabelos dourados como um trigo maduro... Ninguém sabe que você tem um coração amoroso, tecido com as mais finas rendas do sentimentalismo de um poeta... Ninguém sabe que você sonha com um lar florido, com uma companheira meiga e filhinhos alegres... E ninguém sabe também que eu sonho com você... Que vivo esperando, numa angústia louca, um olhar carinhoso, uma fraseterna...

Mas você jamais terá para mim essa frase de ternura, esse olhar de esperança... Vivo quase ao seu lado, mas você não me vê... Só tem olhos para a boneca loira que não sabe ou não quer compreender-lo...

Nossas vidas correm juntas, mas em destinos paralelos... Sofremos pelo mesmo deus — o amor, mas os nossos corações têm sonhos diferentes... Eu sonho com você e você sonha com ela...

Eu tenho pena de você e você tem pena de mim...

Você sabe que também eu gosto de alguém que jamais será meu... Compreende o meu sofrimento porque igual ao seu, mas não sabe que eu sofro por você... Porque nunca prestou realmente atenção em mim... Se reparasse como os meus olhos magoados ficam alegres quando fitam os seus ou escutam a sua voz, você teria compreendido até onde vai o meu sonho... Se não pensasse apenas na mulher de cabelos dourados como um trigo maduro, sentiria a minha mão tremer quando aperta a sua, na boa-noite ou boa-tarde que você me dá indiferentemente, como quem atira ao mendigo esmoado uma régua esmola... E eu sou e sou feliz nesses momentos...

Um dia, você me falou e a sua voz tinha o calor de uma noite enluarada de dezembro e o perfume de mil flores pisadas: a felicidade é sofrimento...

Sorri para não ter que responder. Eu não compreendia. A felicidade é sofrimento? Que paradoxo mais estranho!...

Você parece que percebeu o meu embaraço e continuou como um velho professor, falando á aluna mais ingênua: "Pois não dizem

PO' DE ARROZ

Lady

**E' O MELHOR
E
NÃO É O MAIS CARO!**

A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

que o amor é felicidade? E que é o amor, minha amiga? E' sofrimento, apenas sofrimento"...

Levantei para você os meus olhos tristes e, paternalmente, batendo-me de leve, na mão, você aconselhou:

— Não se desespere. Você é feliz. Sofre por amor...

Eu não sei como foi que nós dois chegamos a ser tão amigos assim... Às vezes fico pensando, pensando... Por que será que você me contou a sua história e eu lhe disse alguma coisa da minha? Você é tão reservado para os outros! Faz tanta questão de parecer feliz, despreocupado... E eu me orgulho de merecer de muita gente este nome: a mulher sem coração...

Será por que somos assim tão orgulhosos que há entre nós essa co-

munhão de idéias, esse entendimento mútuo?

E o tempo rola... e a vida continua...

E é cada vez maior o nosso sonho e mais intenso o nosso sofrimento...

Eu... você... e ela...
Três linhas paralelas, correndo para um destino diferente...

MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

Limpa os poros — Modela o rosto
A VENDA EM TODA PARTE



BOLOS mais Vistosos — mais Leves — mais Macios!

— e muito mais econômicos!

Isento de umidade, o Composto «A PATRÃO» é econômico no uso e assegura maior rendimento. Porque já vem batido duas vezes, torna fácil misturar rapidamente os ingredientes. E a massa fica macia, sem bôlhas nem caroços, resultando em bolos de aspecto e paladar tentadores...

O Composto «A PATRÃO» é, também, excelente para frituras leves e delicadas. Peça-o ao seu fornecedor.

COMPOSTO

A Patrão

UM PRODUTO DA

Swift do Brasil



BOLO DE MAÇÃS

Bata 1 1/2 xícara de açúcar e 1/2 xícara de COMPOSTO até misturar bem e ficar a massa lisa; peneire 2 xícaras de farinha de trigo, 1 colher de chá de fermento em pó, sal e condimentos e junte alternando com o leite. Junte 1 clara e por último, 2 xícaras de maçãs picadas e 1 xícara de óleo em forma de leite. Misture em forma de leite. Bata em forma de leite com papel untado com COMPOSTO «A PATRÃO». Se começar a formar muito em cima, cubra com papel.

quem reconhece algum mérito, Jorge Azevedo é um admirável animador.

Pensando nele, não posso deixar de pensar também em Gabriel-Tristan Franconi. Porque a alma de Jorge Azevedo veio ter, através dos decênios, uma centelha da alma vibrante do poeta francês. Na mesma época tão igual, em que os povos se estracalham como feras nunca saciadas de sangue, e em que a ambição avassala e enfiurece todos os corações, Jorge Azevedo, com o entusiasmo de um Franconi, procura comunicar aos espíritos a sua paixão pelas causas nobres, e contagiá-los do seu alto ideal de beleza.

Franconi, na guerra, era o primeiro a oferecer-se para as ações mais arriscadas. Era o voluntário de todas as escaramuças, de todos os golpes perigosos. Nunca retrocedera ante o ataque, até o momento em que lhe saltou dos ombros, arrancada por um obús, a cabeça pesada de gonho. Mas seria o primeiro a estender a mão boa e amiga, para erguer da lama o inimigo coberto de sangue.

Jorge Azevedo, no campo das letras, não retrocedeu ante o avanço de um adversário gratuito. Enfrentou-o com entusiasmo, e abateu-o nos primeiros golpes da pena. Mas com essa mesma pena — se um dia for preciso — defenderá esse inimigo de ontem. Porque Jorge Azevedo é, sobretudo, um bom. Porque é poeta acima de tudo.

E porque é poeta, os seus contos — todos os contos enfiados neste elegante volume que acaba de ler — comovem e fasciam.

“Histórias Banais” não são apenas um livro de contos. São a anunciação do livro perfeito, do livro impecável que Jorge Azevedo vai escrever quando os seus dedos alcançarem o meio desse outro grande livro que começaram a folhear — o Livro da Vida.

São Paulo, março, 1944.

JORGE AZEVEDO

De ALBERTO RENART

ACABO de ler o elegante volume em que Jorge Azevedo enfiou alguns dos seus admiráveis contos. Deu-nos apenas onze, mas poderia, se quisesse, dar-nos outro tanto, pois a característica deste jovem escritor é, sem dúvida, a fertilidade. Raro o semanário, rara a revista mensal que em cada número não publique um conto seu, uma crônica, uma poesia. Colabora ao mesmo tempo em “Alterosa”,

em “Belo Horizonte”, “Brasilidade”, “Visão Brasileira”, “Vida Capichaba”, e em veteranas publicações cariocas, como FON-FON.

Jorge Azevedo — outros já o disseram — é um intelectual dinâmico. Não apenas colabora com regularidade notável em grande número de revistas do país, mas faz conferências, funda cenáculos, entusiasma os principiantes, procura tornar conhecidos aqueles em

LEIAM os romances de “FON-FON”, que se encontram à venda na Companhia Editora “Fon-Fon” e “Seleta”, à rua da Assembléia, 62.

Um Rosto Formoso
faz supor
uma alma Bela



Patricia Morison
"PARAMOUNT"

É seu rosto que expressa estados d'alma. Os momentos de felicidade que lhe acrescentam beleza, não devem ser empanados por imperfeições da pele. Usando diariamente Matary terá a sua cutis sempre limpa e aveludada, para maior encanto dos que a cercam.

Matary é um preparado científico que preserva a pele contra espinhas, cravos, sardas, brotoejas e qualquer afecção cutânea. Seu perfume é suave e delicioso.

A venda em todas as boas casas do ramo.



LEITE DE BELEZA *Matary*

Fabricantes: C.C. Benaion. — Manaus-Rio. Distribuidores Gerais no Brasil: A. Bernardino & Cia. Ltda., Manaus. Representante Exclusivo no Rio, S. Paulo e Minas: ANGELO NEVES — Av. Almirante Barroso, 91-6º sala 612.

FON-FON NA SOCIEDADE

SOB A GRANDE MARQUISE



Sedução...

...eis a mulher que se veste com a Lingerie Valisère. Feita de tecido sedoso, talhada anatomicamente, Valisère é a lingerie que envolve as formas femininas em suave contacto de carícia, acentuando-lhe o encanto do seu "it" adorável.



Lingerie Valisère,
tecido indismulçável e
certo individual rigoroso.

LINGERIE
Valisère



contacto que é uma carícia

PANAM

O Jockey está vivendo a sua fase áurea de todos os anos. Há um frêmito de vida pairando no espaço e a alegria da natureza se derrama sobre a multidão de turfistas. Cada rosto estampa a felicidade de viver um dia em que todos os risos se resumem na gargalhada de luz da boca escancarada do céu azul.

Na pelouse destaca-se uma pena de águia sobre um boret negro: é de Mme. Mammana, née Meleini, nha Dolabella Portela, que continua a ser um expoente de elegância na sociedade.

Mais adiante, vimos dois maravilhosos "carnardes platins" aquecendo o pescoço da encantadora Sra. Leôcia von Ihering, que faz o "footing" ao lado de Mme. Rencilleau Moreira, uma elegante silhueta emoldurada em bom talhado costume de veludo com "jabot" cor de ouro. Mme. Aimée Gomes de Castro veste um "deux-pièces" de veludo verde, completado por gracioso chapéu de flores. Mlle. Amélia Nesi, vestido brigue, chapéu preto e brigue.

Na tribuna de honra, vimos a baronesa de Sagvêdra com vestido de "lainage" preto e chapéu branco. O conde Sylvio Penteado também ali estava conversando sobre o progresso de São Paulo. Mme. Oscar Berro trazia uma "toilette" clara de muito bom gosto. A sra. Maria Cecília Silveira — "née" Rocha Faria — com costume cinza e chapéu com pássaros. Mme. Reartista Alves, "née" Rosária Nesi — trazia um rico vestido preto com cabochons dourados. A sra. João Guirão de Medeiros, de preto com elegante chapéu da mesma cor.

Na pelouse, palestrando com rapazes em idade abaixo da convocação militar, havia uma plêiade de meninas bonitas e irrequitetas, nessa fase da vida em que tudo sorri; anotamos os nomes de algumas: Margot Maciel, encarnação da "menina e moça" que o poeta cantou; Perla Maciel, outra figurinha cheia de "charme"; Liliss Maciel Ribas, Nicole Hime, Teresa e Sarita Grondona, duas argentinas que passavam pelo Rio; Theresa Castello Branco Pombeiro, Helena Brito Cunha, Luiza Pontes, Regina Aassar, Gilda Quadros, Vilma Vidal, Theresa dos Anjos, Elza Freitas, Gilda Landim, Gilda Brígido; irmãs Santos Jacinto; Gilda Calaza. E tantas outras que fariam inveja à Primavera.

Foi uma tarde magnífica, e se não fosse um momento de descontrôle em que certas pessoas da Tribuna Especial desmentiram a nossa fama de povo pacato e refletido, poder-se-ia dizer que, além de magnífica, fôra inesquecível.

O ministro Salgado Filho, que fazia anos nesse dia, não compareceu ao Prado, decepcionando muitos dos seus admiradores que pretendiam cumprimentá-lo.

MISE N.

EXPOSIÇÃO ANITA ORIENTAR

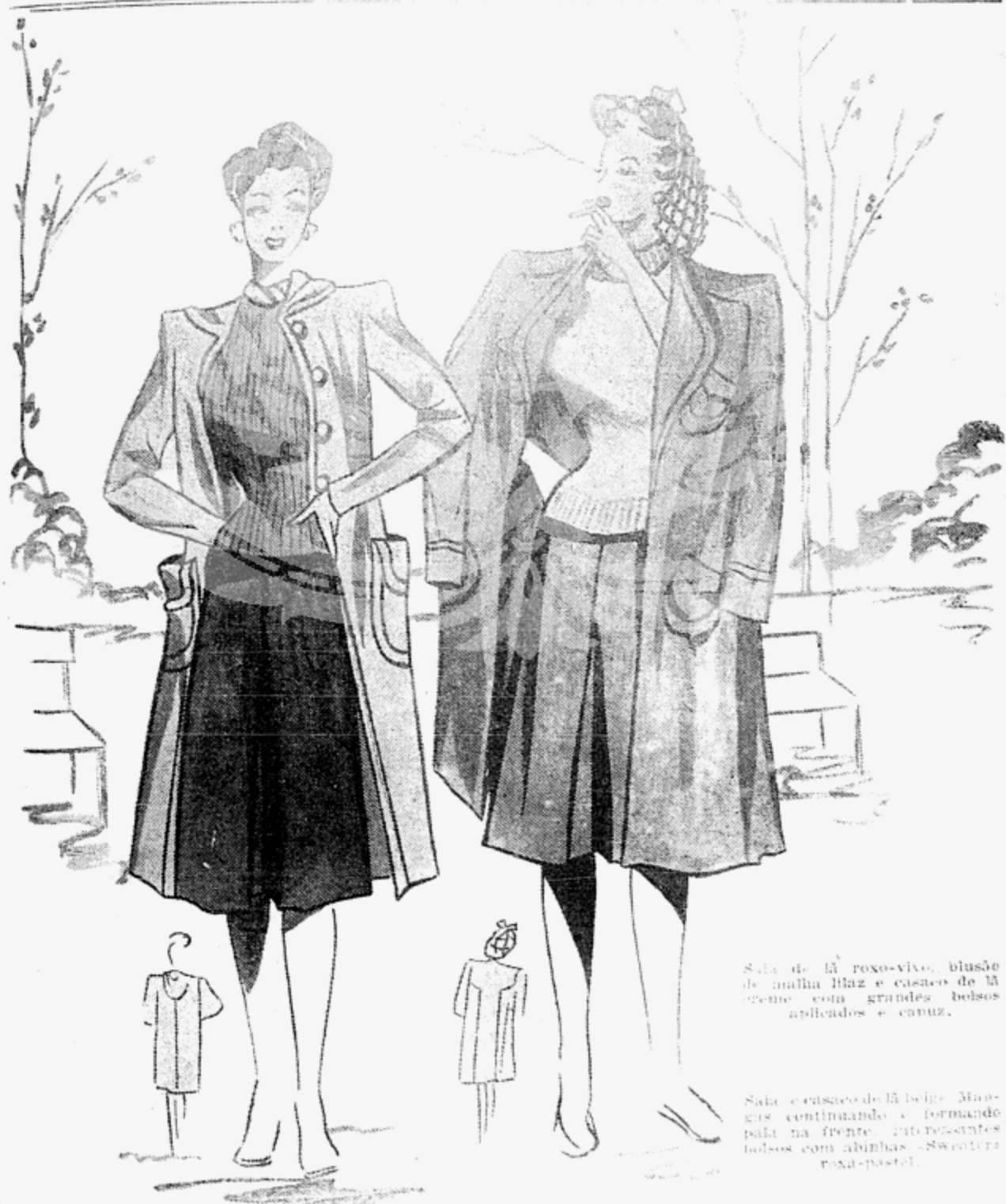
ANITA ORIENTAR é uma artista de recursos, que tem viajado muito, ilustrando o espírito e observando. Seus trabalhos sobre mosaicos têm um sabor ingênuo, que agrada. Seus painéis com aves sobre cetim são interessantes e suas telas a óleo trazem a impressão delicada que certos trechos de nossa natureza deixaram na sua alma panteísta.

Inteligente e culta, Anita Orientar tem realizado várias exposições coroadas de êxito.

FON-FON *Reunio*

Direção de Hélène

Desenhos de ENAYDE



Sala de lã roxo-vivo, blusão de malha lilaz e casaco de lã creme com grandes bolsos aplendados e cruz.

Sala e casaco de lã bege. Mangas continuando e formando pala na frente. Interiores bolsos com abinhas. Sweaters roxo-pastel.

"Soirée"





VESTIDOS de baile, elegantí-
simos, para a presente tempora-
da. Rise Stevens e Loreta Young,
artistas que sabem vestir-se, e
têm bom gosto, oferecem êstes
modelos às suas fans do Brasil.

(Fotos Universal)

Trappes de



Saia de lã cinza- prateado com recortes e dois bolsos aplicados. Blusa de seda listrada de fundo vermelho-cereja.

Saia de jersey de lã verde-pistache com dois bolsos aplicados. Blusa de jersey de lã quadriculado de branco sobre fundo "bordeaux". Ligeiro bordado com linha "bordeaux" guardando os bolsos.

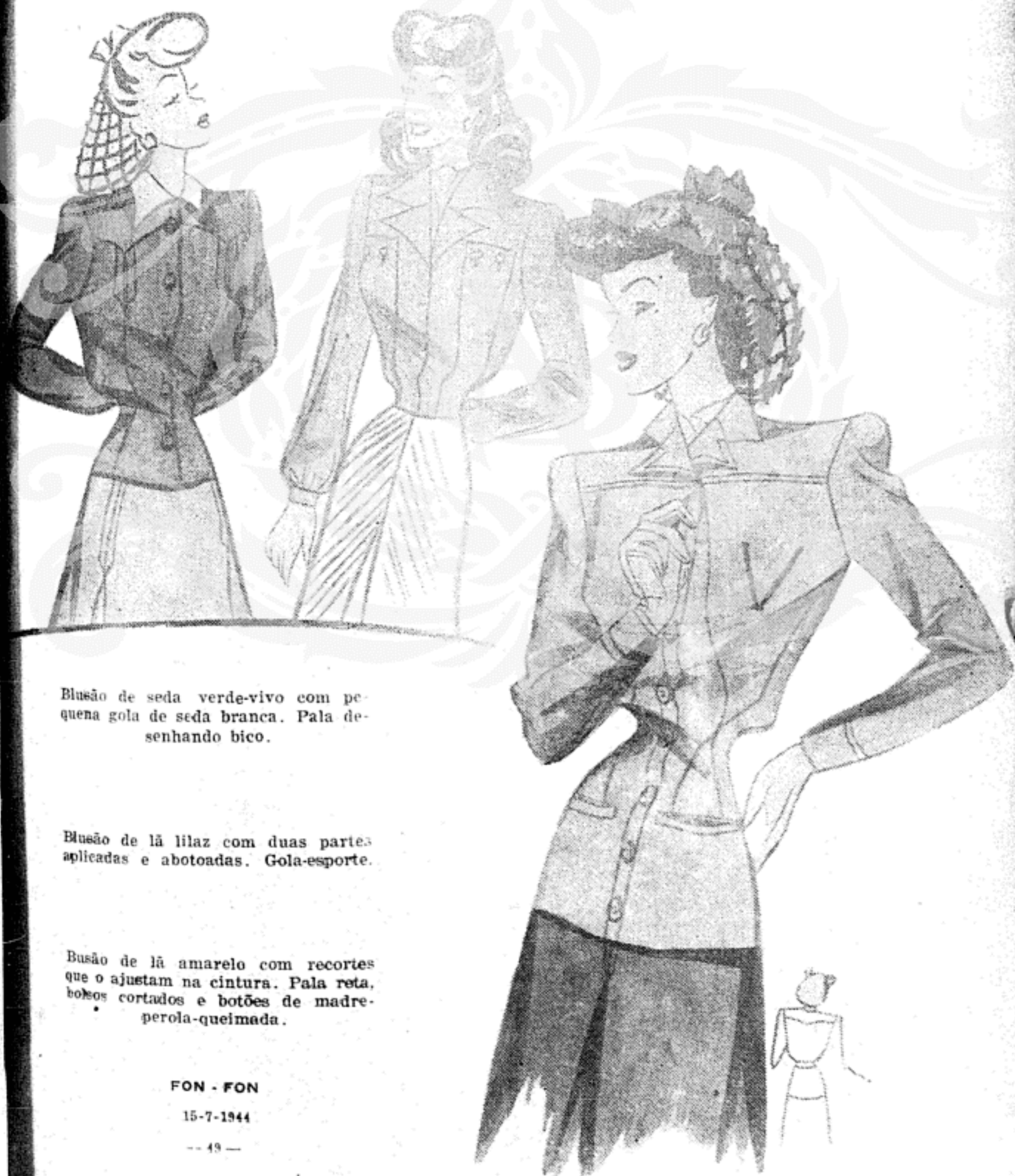
Saia de lã de tom suave e blusinha tipo-colete com fecho-eclair na frente, de lã, de tom contrastante. "Nervures" ornaram os ombros.

FON - FON

15-7-1934

— 13 —

Inverno



Blusão de seda verde-vivo com pequena gola de seda branca. Pala desenhando bico.

Blusão de lã lilaz com duas partes aplicadas e abotoadas. Gola-esporte.

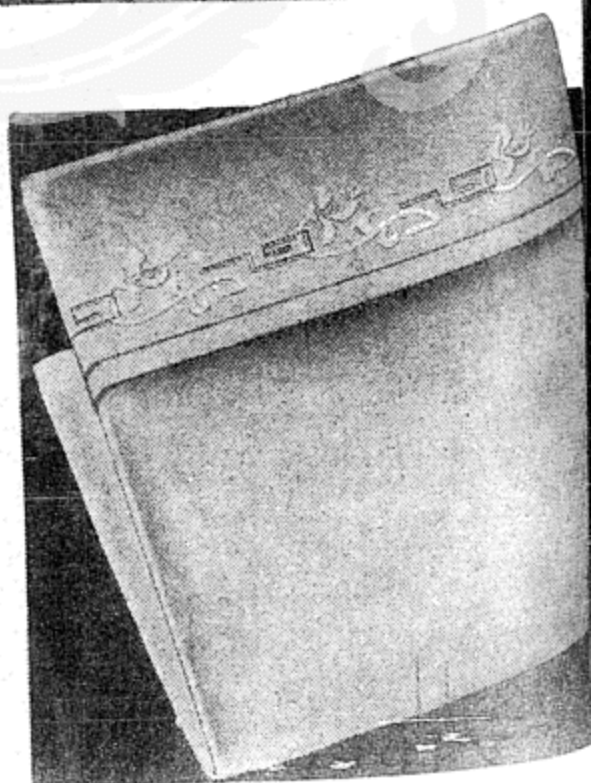
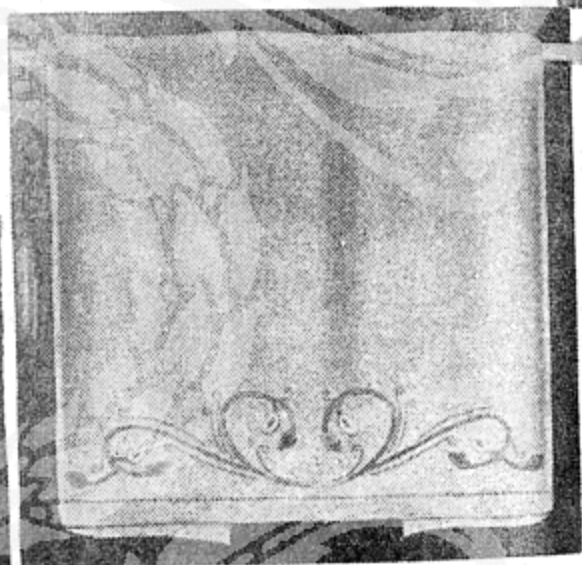
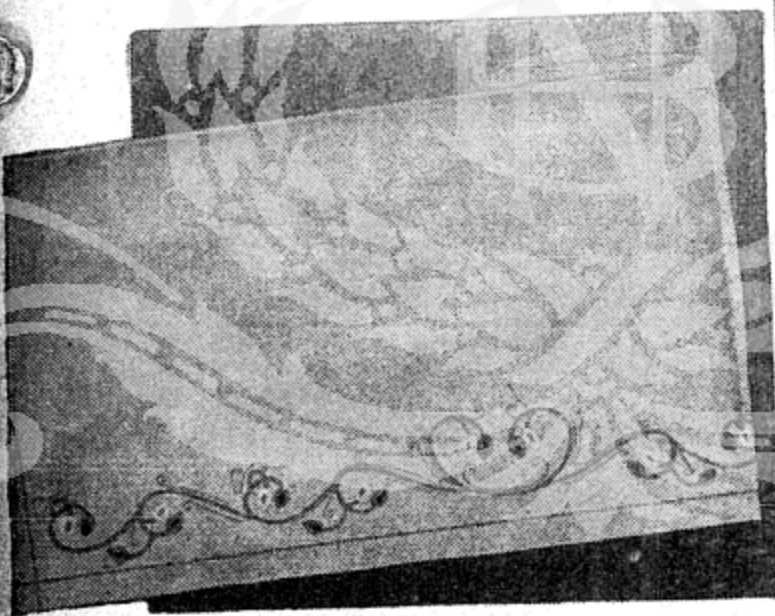
Blusão de lã amarelo com recortes que o ajustam na cintura. Pala reta, bolsos cortados e botões de madre-perola-queimada.

FON - FON

15-7-1944

-- 49 --

Roupa de Casa



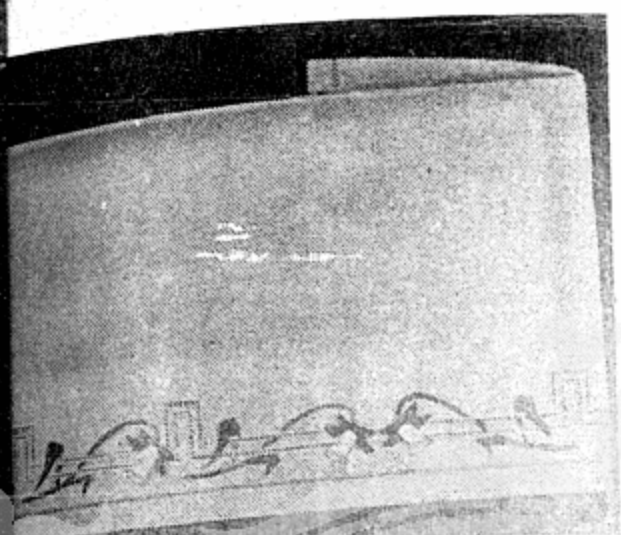
TRÊS lençóis e uma toalha é o que oferecemos às nossas leitoras, nestas páginas.

Um dos riscos é bordado em branco e os outros dois em côres. O lençol bordado em branco é composto de lírios. As pétalas são feitas em ponto cheio, crivo ou ponto fantasia. Entre as flores são intercaladas bainhas ou ponto turco. O outro modelo de lençol é guarnecido com um risco de narcisos, intercalados com figuras de ponto turco. As pétalas do narciso são em ponto cheio amarelo. Hastes e fô-

FON - FON

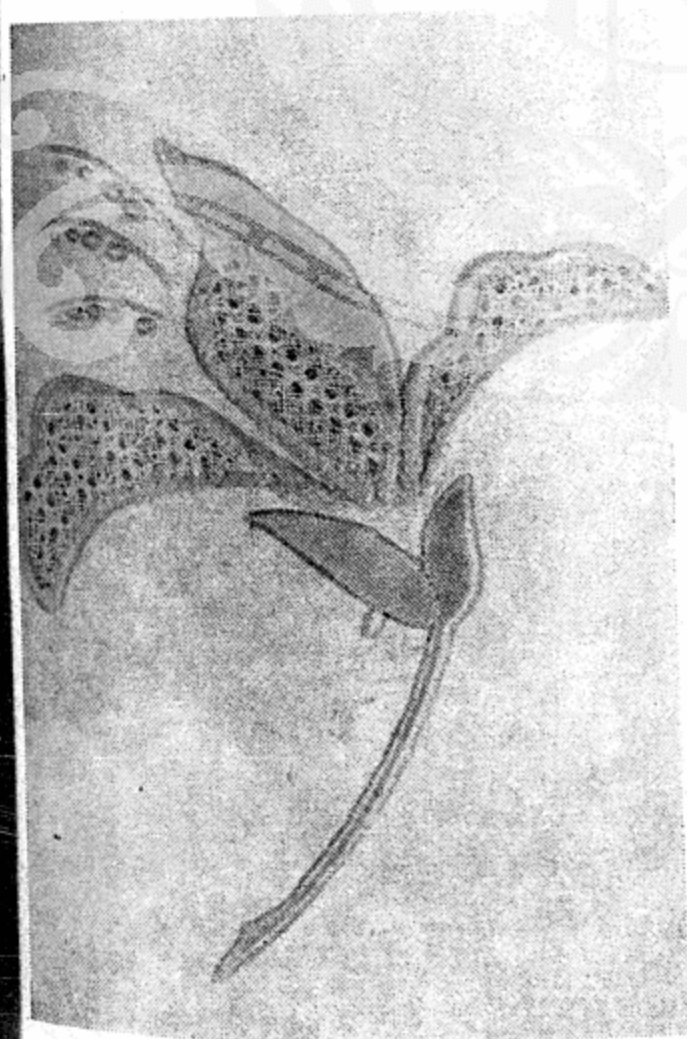
15-7-1944

50 - 51



lhas em verde. Com pequenos botões de flor, guarnecidos os dois últimos trabalhos, um lençol e uma toalha. O centro do botão em roxo e o resto em fralhe. Outros botões são executados em rosa forte e rosa pálido. As hastes e folhas em verde.

No suplemento desta revista podem ser encontrados os riscos para estes trabalhos.



PHENOMENO



É
O GRANDE E
ANTIGO
SEGredo
QUE
TORNA LINDOS
OS
CABELLOS

PERFUMARIA TARRÉ
R. Visc. DO RIO BRANCO, 60-RIO.



LYTOPHAN

EM TUBOS DE 20 COMPRIMIDOS

DROGARIA ARAUJO FREITAS & CIA.
Rua Miguel Couto n.º 30 — Rio de Janeiro

Enxoval do Bebê



DOIS riscos diferentes guarnecem os quatro trabalhos desta página, que correspondem a um "Moises", um jogo para cama, um lençol e um babadoiro. O bordado é feito em cores com linha fina. O jogo de cama e o lençol são executados em opala, o babadoiro em fustão e o "Moises" em cetim com babados de organdi.

O bordado no "Moises" é riscado apenas no babado superior, tendo o inferior somente o festão. Os pequenos miosotis em vários tons de azul, todos



FON - FON

52 - 53

15-7-1944

os "pau" em ponto cheio rosa, as hastes e folhas em três tons de verde, e os riscos em rosa e verde. Com o mesmo risco é guarnecido um lençol que o bordado da mesma forma. No jôgo de cama o lençol tem o bordado no centro da parte superior e na franja em um dos cantos. São pequenos detalhes que poderão ser feitos em ponto "Rococô" em vários tons de azul, folhinhas em verde e os riscos em ponto de haste com vários tons de rosa.

Em fustão branco é feito o babadinho que termina com feston em ondas largas. Os riscos encontrados no suplemento.



UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA
A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN



A VENDA EM TODO O BRASIL

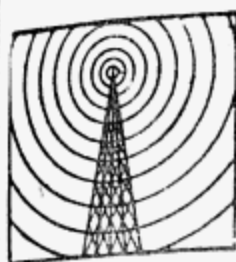
Elegância intima



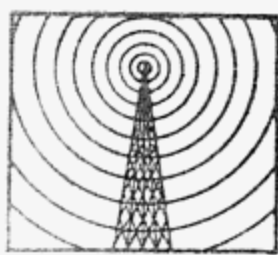
Camisola de noite de seda estampada. Recortes prendem franzidos na altura do busto. Babadinho franzido da mesma seda ou fina renda valenciana garante decote e cavas.

Camisola de seda "lengerie" rosa-pastel ou azul-claro. Pala reta prendendo franzidos. Frente e cintura recortadas também prendendo franzidos.

Camisola de noite de seda estampada. Finais "nervures" guarnecem a cintura.



DIREÇÃO DE ALZIRO ZAPUR



Minha opinião

A HISTÓRIA PITORESCA DO CHARLATÃO BARNUM — O MAGICISMO DO RÁDIO E A ARTE DE FAZER MILHÕES — A FRANQUIEZA DE CARTOLANO E FRANCISCO JUNIOR E OS MISTÉRIOS DO MUNDO



Lucia Helena, a distinta locutora das noroas da Rádio Nacional iniciou sua carreira radiofônica na PRF-2, Rádio Clube de Rio Claro (Estado de São Paulo). Esta emissora, fundada em 1934, e até hoje dirigida pelos srs. Waldemar Cartolano e Francisco Cartolano Junior, tem procurado sempre levar ao seu microfone os mais aplaudidos artistas do rádio brasileiro. Possui um auditório que nada fica a dever aos de muitas emissoras da Cidade Maravilhosa...

Phineas Taylor Barnum, cabotino singular, mestre de tantos homens em magnífica evidência, escreveu no fim da sua vida — "A Arte de Fazer Milhões".

E' uma história cem por cento pitoresca, em que ele conta os incidentes que pontilharam sua existência de "charlatão errante". Para fazer-se idéia perfeita da obra, basta ler o prefácio.

"Não sou personagem eminente: apenas um organizador de espetáculos e diversões populares. Alguns me chamam "o charlatão Barnum".

"Sim, sou Barnum, o charlatão, muito mais célebre do que uma infinidade de sábios, de artistas, de inventores e de patriotas que são

os grandes homens do mundo. Eu devo a minha fama a uma única coisa: a minha capacidade de fazer mil milhões de dólares."

"A verdade é que sou um charlatão. Mas sou um charlatão de sucesso. Sou um charlatão de sucesso porque sou um charlatão de sucesso."

"Antes de aparecer o mundo, eu sou um charlatão. Eu sou um charlatão porque eu sou um charlatão. Eu sou um charlatão porque eu sou um charlatão."

"Vim ao mundo. E, presto, a passar desta para melhor, logo nos meus contemporâneos o Reclamo que eleva o homem acima das misérrimas anônimas; o Reclamo, força nascida ontem, hoje mais poderosa do que a Fala Elétrica e o Voto; o Reclamo, único poder ao abrigo das revoluções, porque nem mesmo os anarquistas o desdenham. — Ante o Reclamo, todos, os mais poderosos assim como os mais humildes, vergam a cerviz.

"O Reclamo faz a seu talante homens criminosos e homens honrados, heróis e mártires, seres felizes e seres miseráveis.

"Arguirão: — Mas o Reclamo não desvirtua a Verdade? Valente objeção! Que é que, neste mundo, nos mostra a exata Verdade das coisas?

"Pelo que me toca, declaro que — pelo espaço de meio século — fiz tudo quanto pude para fludir meus semelhantes. Nem um único dos meus assíduos admiradores bocejou ao presenciar os espetáculos que ofereci á sua curiosidade. Não creio que possam dizer outro tanto os meus numerosos competidores que, na política, na oratória ou na ciência, conquistaram a fortuna explorando a ingenuidade pública.

"Meu método chegou a ser o do povo norte-americano: qualquer

coisa que eu queria vender eu vendi."

"Eu sou um charlatão. Eu sou um charlatão porque eu sou um charlatão. Eu sou um charlatão porque eu sou um charlatão."

No Brasil, há milhares e milhares de charlatões que pensam ter descoberto a maravilhosa arte da auto-propaganda. No Rádio, sem dúvida, eles andam nos maiores, lucrando não de todas as "misérrimas" para sustentar o cartão...

Mas, infelizmente, são raros os que se confessam discípulos do mestre. Alguns chegam ao cúmulo de "ignorar" as proezas de Barnum.

Itens a esperança de que talvez tenham tudo direitinho. Lá no fim da carreira.

A. Z.



NENA MARTINEZ, rádio-atriz e locutora do programa feminino que tem o seu nome

ONDAS CURTAS E LONGAS

DE SCYLLA GUSMÃO



Carlos Pallat está em franca atividade na Rádio Nacional, com os elementos precoces do seu queridíssimo "Programa da Petizada".

1 — A nossa PR1 recebeu a seguinte participação: "E' com prazer que lhe participo a estréia, a 17 próximo, às 21 horas e 30 minutos, na Rádio Jornal do Brasil, do artista patricio Raul Roulien. Dessa data em diante, o festejado comediante estará diariamente ao microfone da PRF-4, atuando em programas rigorosamente selecionados e inéditos para os nossos rádio-ouvintes. "Segredos de Hollywood" será o cartaz da estréia, que se repetirá tôdas as segundas-feiras, às 21.30. E, a seguir, Raul Roulien aparecerá diariamente, às 11.30, com uma interessante novidade — o programa "Fitas, Fatos e Fans"... Importando tal acontecimento em auspiciosa aquisição do nosso "broadcasting", rogo aos prezados confrades a gentileza de divulgá-lo. Atenciosas saudações. (a) — *Lourival Coutinho, diretor artístico.*"

Esta é a grande novidade radiofônica do momento.

Os ouvintes estão de parabens com o ingresso de Roulien no rádio carioca.

2 — Outra notícia interessante: consta que os irmãos Guilherme e Alberto Manes venderam a RÁ-

dio Guanabara à Rádio Nacional... Voltaremos, oportunamente, ao assunto, com os devidos pormenores. Por ora, aí fica a novidade...

3 — Paulo Netto festejou mais um aniversário do seu popular "Programa Grajau", ao microfone da PRG-8. Esse é um dos mais apreciados programas de gravações do nosso "broadcasting". Agradecemos ao veterano "radio-man" o convite com que honrou a nossa PR1.

4 — A Grande Orquestra da Rádio Nacional, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, realizou admirável concerto em homenagem aos Estados Unidos, no "Independence Day". Heloisa Albuquerque, aplaudido soprano-dramático, e Arnaldo Estrella, pianista insigne, atuaram como solistas nesse esplêndido festival de arte que marcou mais uma vitória para a PRE-8.

5 — Uma das realizações grandiosas do rádio brasileiro é a possante estação de 50 kilowatts da Rádio Tupi, a emissora-"leader" dos "Diários Associados". Devese a iniciativa ao espírito dinâmico de Assis Chateaubriand. Nossos parabens efusivos à PRG-3.

6 — Edmundo Mala deixou a Mayrink Velga e ingressou na Rádio Nacional. Que motivos teriam levado o velho ator a deixar a PRA-9? Pslu...

7 — Está agradando a temperatura de Juan Arvizu na Tupi. Seu variado repertório de músicas latino-americanas merece registro especial, pois constitui raridade essa caprichosa escolha de belas melodias...

8 — E' digna de aplausos a atividade de Auselmo Domingos na Rádio Tamóio. Aí está um "broadcaster" de vida limpa, que pode servir de exemplo a muita gente. E' o braço direito de Fernando Lobo na PRB-7.

9 — Tereza Costa, a maior atriz do seu gênero, em todo Brasil, está abrilhantando os espetáculos teatrais da Tupi. Clara de Barros acertou, incluindo esse nome venerável no elenco da PRG-3.

10 — Muraro voltou ao microfone da Mayrink, ilustrando "Festa de Rítmicos", programa em que evidenciou os dotes invulgares que o tornaram querido e admirado pelos ouvintes de todo o país.

11 — Fala-se, insistentemente, na venda da Rádio Transmissora Brasileira. Alguns dos diretores da PRE-3 declararam à nossa PR1 que o dr. Nelson Dantas, proprietário da referida estação, vai realmente vender a emissora que a R. C. A. Victor construiu. Vamos aguardar a confirmação da notícia sensacional...

A FESTA DA TUPI

REALIZOU-SE, domingo passado, a festa de inauguração da possante emissora de 50 kilowatts da Rádio Tupi do Rio de Janeiro. A PRG-3 ofereceu aos ouvintes um grandioso programa, das 12 às 24 horas, com o concurso de todos os preciosos elementos do seu valioso "cast". Nossas congratulações aos confrades da emissora-"leader" dos "Diários Associados".

Rádio Paulista

Por

GRACI MACHADO



AGOSTINHO AGUIAR LEITÃO, redator e programador da Panamericana, tem a seu cargo «Teatro de Mistérios» e «A luta contra o crime», dois bons programas policiais da PRH-7.



OLIVEIRA NETO pertence ao quadro de locutores da Difusora. Sua atuação não é brilhante, mas a firmeza de sua voz fez que a direção daquela emissora o conservasse como exclusivo.



LUCILA FREIRE tem arrancado lágrimas aos fans de rádio-teatro... interpreta, de preferência, os papéis de mártir ou de mãe infeliz... É exclusiva das Emissoras Associadas.



ENIO ROCHA é o galã-aventureiro do rádio-teatro da Rádio São Paulo. Sua interpretação tem-lhe valido um sem número de fans.



J. DOMINGUES é moço ainda. Mas vencerá como locutor, porque a sua força-de-vontade é muito grande. Atua nos programas diurnos da Cruzeiro do Sul.



WALDEMAR CIGLIONI, rádio-ator brejeiro e humorista, desempenha com brilho os papéis alegres dos programas falados da Rádio Gazeta.

DÔRES NOS PÉS, PERNAS E CALCANHARES?

Pés cansados e doloridos; dores nos pés e nas pernas, semelhantes a reumatismo; calosidades ou calcanhares sensíveis — estes são os sinais de debilidade ou caída dos arcos.



Os Suportes de Arco DR. SCHOLL e exercícios apropriados aliviam as dores, eliminando sua causa — a distensão dos músculos e nervos — e fazem os arcos caídos retornarem à posição normal. Anatômicamente ajustados nas Lojas Dr. Scholl.

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

IA-S-32

Lojas Dr. Scholl
PARA O CONFORTO DOS PÉS
RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO • RUA AROUCHE, 71 - S. PAULO

SUPORTES DE ARCO
REMÉDIOS
CALÇADOS



"INDEPENDENCE DAY"

Em virtude da situação atual, o *Independence Day* não foi comemorado com a mesma expansão de antes da guerra. Ainda assim, foram significativas as manifestações de apreço e solidariedade que de todos os cantos da cidade convergiram para os americanos no afã de provar-lhes que o dia comemorativo da independência do grande país da América é lembrado com carinho por nós, que sabemos avaliar o verdadeiro sentido da palavra Liberdade.

O esforço que a grande República norte-americana fez para firmar a sua independência foi a mais bela lição de civismo que os países deste continente receberam. A energia, o valor, a abnegação e o patriotismo — amálgama que forma o espírito *yankée* — construíram nas Américas uma plêiade de nações livres e liberais.

A'S NOSSAS LEITORAS

CHAMAMOS a atenção de nossas amáveis leitoras para o lamentável equívoco verificado com os suplementos de FON-FON do número passado e desta semana. Embora as legendas estejam certas, os moldes não correspondem, pois o molde da capa do dia 8 (Ginger Rogers), está no suplemento de hoje, e o molde da capa de hoje (Olivia de Havilland), saiu no suplemento do dia 8.

E UM FATO A SUPERIORIDADE DOS PRODUTOS

REI

JARRO ELÉTRICO
FERVE AGUA PURA E LIMPA
1 LITRO
POR 2 CENTAVOS
EM 5 MINUTOS
E, SEM AGUA, DESEJA AUTOMATICAMENTE • GARANTIA 5 ANOS
Preço de 150.-

CHUVEIRO ELÉTRICO
dos quais foram
instalados no Brasil
120.000 em 14 anos
A qualquer hora em banho
morno ou quente por
10 cts. • Garantia 5 anos

Em cada  um Rei

Pais: água quente - de repente - necessita toda gente.

"INDUSTRIAS REI"
RIO - R. DAS MARREAS, 5 • S. PAULO - R. 7 DE ABRIL, 172
A venda em todas as boas casas do ramo.

FILTREX
O FILTRO DE AR

UMA GARANTIA DE SAUDE NO BERÇO DE SEU BEBÊ, NO LEITO, REFRIGERADOR, GUARDA-ALIMENTOS, QUARTO DE DORMIR ETC.

FILTREX é um filtro químico que transforma o ar impuro (com odores ou gases até venenosos), em ar puro e saudável (Ar de Montanha). Absorve pois com facilidade os odores nas imediações do berço do seu bebê ou do seu leito no seu refrigerador armário, guarda-comida, quarto de dormir etc., facilitando a conservação de manteiga, geleias, doces, carnes e demais alimentos, impedindo também a absorção recíproca de odores. As impurezas (gases mal cheirosos ou venenosos, ficam retidas e solidificadas no interior do FILTREX. — FILTREX purifica o ar, filtrando-o como uma máscara contra gases. — FILTREX é o guarda da saúde no seu lar.

A venda nas boas casas.
Para o interior envia-se pelo sistema de reembolso postal.
Prospetos pelo distribuidor:
A. Barroso de Mello — Rio de Janeiro — Caixa Postal 1745
Tel. 42-1587

FILTREX
O FILTRO DE AR

Modelo da Semana



Qual é o seu Problema DE BELEZA?



Espinhas
Cravos
Manchas
Sardas
Cutis cansada
Rugas

Tudo isso se corrige com "Cêra Mercolizada" (Mercolized Wax), que vale por um tratamento de beleza. Cêra Mercolizada faz surgir a nova cutis que existe sob a sua pele atual. Faça uma experiência ainda hoje.

DEPILATORIO PORLAC. — A beleza das pernas sem meias não deve ser comprometida pelos cortes de gilete. Para eliminar o pelo supérfluo das pernas, braços, axilas e rosto, use PORLAC — depilatório absolutamente sem cheiro e de resultado positivo. Use PORLAC e vista o seu «maillote» sem receio. DEPILATORIO PORLAC.

Cêra Mercolizada
CONSERVA SUA CUTIS

Bella e Fresca

NA deslumbrante figura desta linda artista de Hollywood apresentamos um original modelo de costume em crepe liso, em estilo colete. Saia com duas pregas e missangas e "pailleté". Manequim 42. Moldes no suplemento anexo.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
D. S. PEPSIA - ULCERAS

Papais

BANKETS





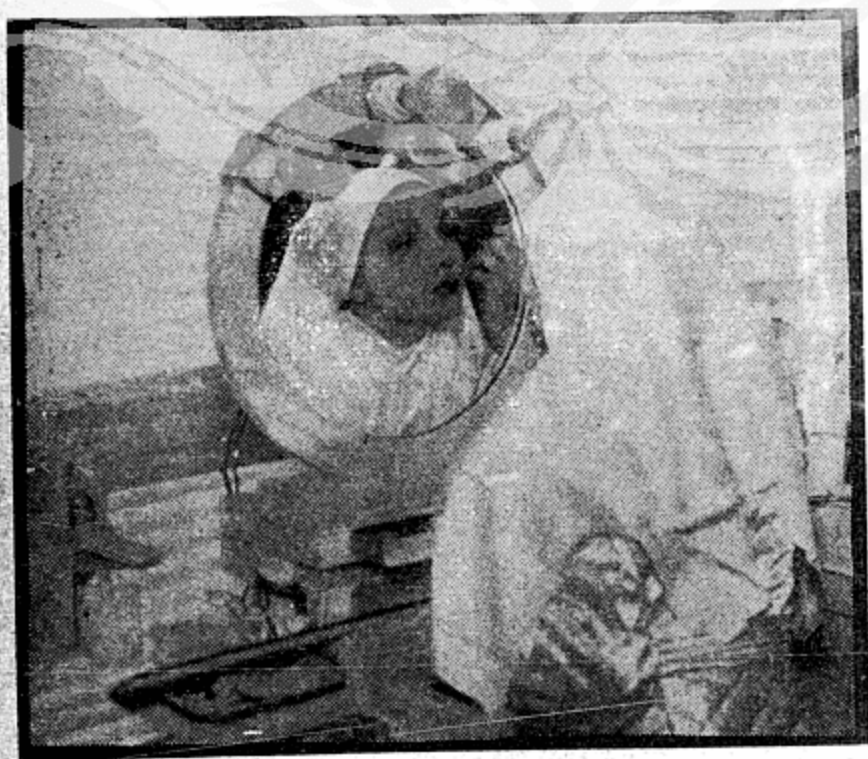
A arte de ser bela

A feliz possuidora de umas sobrancelhas perfeitas deve procurar conservá-las copiosamente e não alterá-las nem sequer com a intenção. Em todos os casos não convém corrigi-las demasiado, pois, por ser o traço mais expressivo do rosto feminino, as sobrancelhas, são também difíceis de desenhar corretamente.

Sobrancelhas perfeitas são aquelas que seguem a linha natural do olho aberto, e estão, de comprimento e largura, em proporção com a medida do rosto e das feições. As sobrancelhas ideais, como os olhos e a boca, levantam-se ligeiramente nas extremas correspondentes aos lados do rosto. Quando não se equivalem ao ideal, podem sofrer modificações, mas é preciso limitar-se sempre a uma retificação moderada.

NO tocante a correções a primeira coisa que se deve fazer é livrar de sobrancelhas anti-estéticas o espaço que fica entre os arcos superciliares. Para isso é necessário recorrer à depilação, mas a depilação executada com extremo cuidado, pois essa parte do rosto está particularmente exposta às infecções. O perigo desaparecerá esterilizando sempre, as pinças com álcool, antes de usá-las.

No processo de afinamento das sobrancelhas é muito fácil exceder-se. Lembrem-se de que a linha exageradamente fina já não está em moda, e de que, se se possui um rosto grande e feições notáveis, só se consegue, ao afinar muito as sobrancelhas, pôr em relêvo tais defeitos. A solução do problema consiste em fazer aparecer as sobrancelhas mais grossas: nesse caso é indicado o uso do lapis, que dará, sempre, o resultado desejado quando se aplique, não em uma só linha, mas em toques leves, que sigam a direção de seu crescimento.



Claudette Colbert, da Paramount, sabe que umas sobrancelhas bonitas dependem muito da arte com que são conservadas.

VAMOS dar, aqui, algumas regras úteis relativamente à retificação das sobrancelhas. Quando se tem um nariz longo, o ponto de partida das sobrancelhas deve corresponder com o ponto de partida dos olhos. Um nariz grosso exige uma linha de sobrancelhas alongadas.

Deve ficar sempre suficiente espaço entre o extremo das sobrancelhas e a linha do nascimento do cabelo.

Por nenhum pretexto devem as sobrancelhas ser depiladas totalmente para ser substituídas por um traço de lapis. É um crime de lesa-beleza.

Não é aconselhável depilar a parte baixa das sobrancelhas para deixar somente um linha curva na parte superior a grande distância dos olhos. Isso dá ao rosto uma aparência artificial fazendo, além do mais, parecer os olhos muito menores. Como demonstração gráfica podem pôr em prática a prova da moeda. Coloquem-se duas moedas parábolas, aproximadamente na posição de um par de olhos; depois, em cima de uma delas e a uma altura normal desenhe-se uma sobrancelha, e sobre a segunda moeda a uma distância maior, outra sobrancelha. Em seguida, observem o resultado. É uma ilusão de ótica, mas é certo é que a segunda moeda aparecerá menor que a primeira. O mesmo sucede com os olhos debaixo de umas sobrancelhas excessivamente depiladas na parte inferior.



Deixar a parte baixa das sobrancelhas intacta evita a expressão de crueldade das sobrancelhas.

A beleza não se consegue, nem se conserva, fazendo-se este ou aquele maquilagem. A beleza quer a observância de um remigo alimentar especial, em benefício das linhas do corpo, fator de grande importância na silhueta feminina. Nesse sentido, também, de um cuxiliar preciso e a grande prática racional e metodicamente.

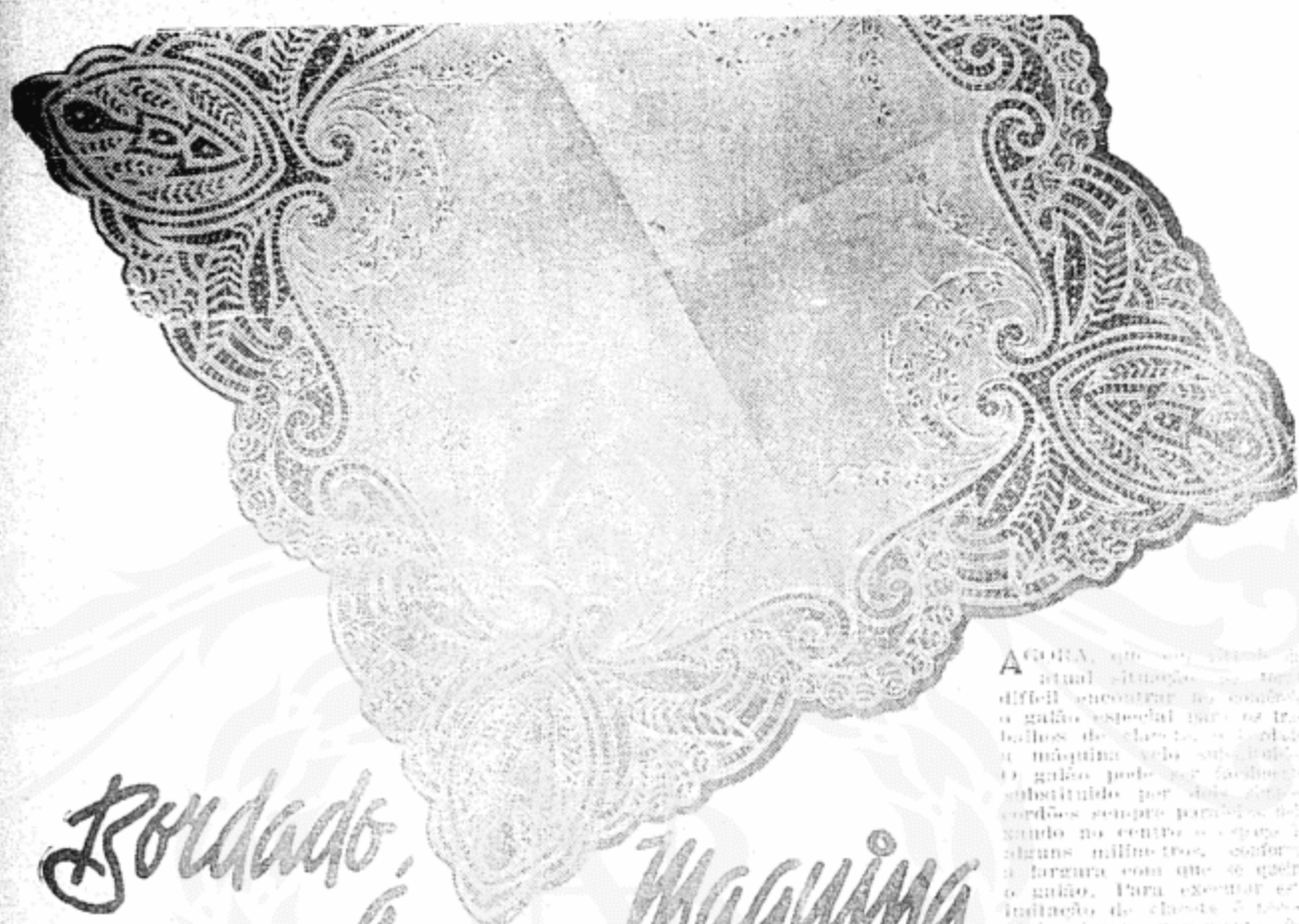
Depois, então, é que vêm os cuidados que se devem dispensar á cutis, a selecção dos produtos de "toilette", de acordo com o tipo de cada epiderme e a escolha do maquilagem mais adequado ao rosto e o domínio dos mil e um segredos, mediante os quais tanto é possível fazer sobressair a beleza das linhas, como dissimular as imperfeições que por acaso, existam.

As jovens norte-americanas têm a justa fama de serem impecáveis na conservação de sua beleza, permanecendo fieis a regimes e práticas cientificamente experimentadas, se bem que, em cada caso particular, passam ser logicamente susceptíveis de alteração ou tolerância.

De modo que a beleza não se consegue, nem se conserva, fazendo-se este ou aquele maquilagem. A beleza quer a observância de um remigo alimentar especial, em benefício das linhas do corpo, fator de grande importância na silhueta feminina. Nesse sentido, também, de um cuxiliar preciso e a grande prática racional e metodicamente.

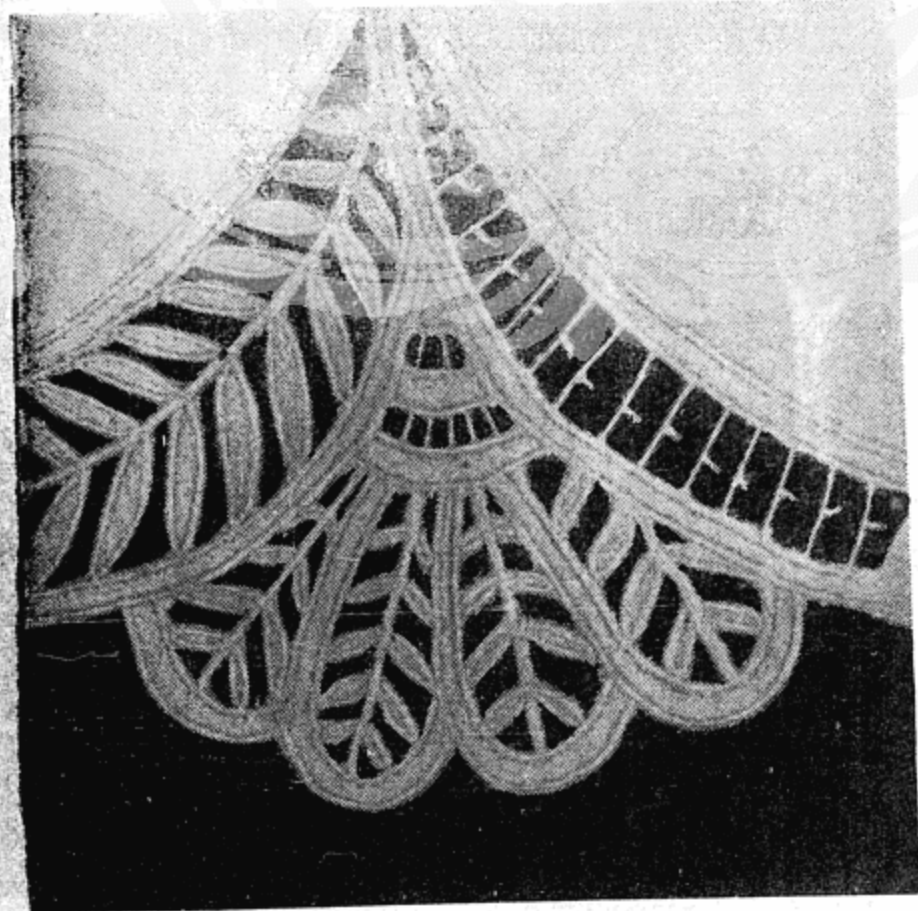
Depois, então, é que vêm os cuidados que se devem dispensar á cutis, a selecção dos produtos de "toilette", de acordo com o tipo de cada epiderme e a escolha do maquilagem mais adequado ao rosto e o domínio dos mil e um segredos, mediante os quais tanto é possível fazer sobressair a beleza das linhas, como dissimular as imperfeições que por acaso, existam.



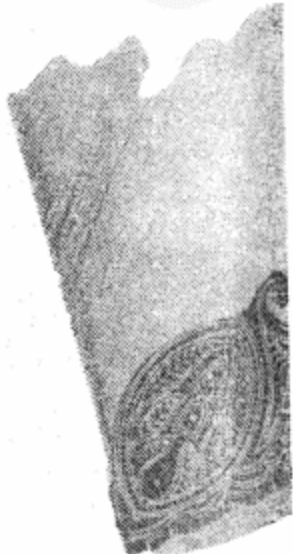


Bordado
à

Maquina



AGORA, em sua atual situação, é muito difícil encontrar no comércio o galão especial para os trabalhos de chacetes e cordões a máquina pelo seguinte: o galão pode ser facilmente substituído por dois cordões sempre possíveis, colocando no centro o espaço alguns milímetros, conforme a largura com que se quer o galão. Para executar esta imitação de chacetes é necessário riscar suavemente, neste trabalho só pode ser executado por pessoas que sabem bordar a máquina, não devendo nenhuma pessoa antes tentar fazê-lo, pois, a posterioridade, requer habilidade de pessoa muito prática nesse ramo de trabalho. As imitações de imitação de chacetes podem ser feitas diretamente sobre a fazenda, sem haver necessidade de pregá-las depois como no caso de chacetes verdadeiros. Para mais é encontrado no suplemento desta revista.



Uma carta

ERA ao entardecer. O vento agitava levemente as folhas das árvores. Nos galhos das painceiras floridas, ciclavam as cigarras...

A penumbra invadia a sala. Marlene estava sentada à escrivaninha. Era uma moça de vinte e dois anos. Seus olhos eram azuis, de um azul de abismo, e o rosto muito alivo, sob a auréola de cabelos, luminosamente loiros.

Ela escrevia depressa, e o papel verde-clara tingia-se rapidamente com os traços de sua caligrafia elegante:

"Clevis: — Estou aqui, numa grande fazenda, bem longe do burburinho enervante da cidade.

Nestas férias, por capricho, prefiro este lugar sossegado à famosa Picos de Caldas.

Gostei muito daqui. Estas plantações verdejantes, "as caçoeiras em flor... em cachos de rubis", os vales cheios de rosas selvagens.

E a calma... esta grande calma que envolve tudo e todos.

Clevis. Escrevo-te para desfazer o nosso noivado. Não penses que estou agindo com precipitação. Pensei sobre todas as consequências da minha atitude. Agora te envio uma nova que te causará "alguma" surpresa: Caso-me amanha. Numa capela pequenina e pobre, sem "demoiselles d'honneur", nem marcha nupcial.

Meu futuro marido é o capitaz



ZUMBIDO!
DOR DE OUVIDO!
AUDI
GRAMADO
ELIMINA A DOR E
EVITA COMPLICAÇÕES
NO CONDUTO
AUDITIVO

da fazenda. É o simples e agradável.

Não volto mais a São Paulo. Renunciarei à sociedade, aos bailes, aos saraus dos clubes elegantes. Nunca mais assistirei as noites de gala no Municipal. Não percorrerei mais o Triângulo, na hora do "fooding", nem mais frequentarei

rei os chás-das-cinco no Mappin e as ceias do Roof.

Vou viver numa casinha pequena, perdida entre os cafezais. Amo o homem com quem vou casar-me. Chama-se Roberto. Possui olhos admiráveis. É alto e bronzado. Lembra um ardente cigano ou um indiano dos tempos coloniais. Não tem esse gigante, não passa brilhantina nos cabelos, nem esmalta os unhas. Suas frases não têm os floreios difíceis de retórica e os arcos não são estudados no cinema. Amara-me sinceramente e apaixonadamente, amo como nunca amei antes na vida. Seu amor é puro e genuíno. Não sei mais a quem telefonar. Não há cidade. Não sei mais a ninguém. Não sei mais a quem contar as minhas angústias e existências. Não sei mais a quem contar as minhas esperanças e sonhos. Não sei mais a quem contar as minhas dores e tristezas. Não sei mais a quem contar as minhas alegrias e esperanças. Não sei mais a quem contar as minhas esperanças e sonhos.

Espero, porém, conduzir-me ao primeiro olhar o modelo-me espiritualmente.

Casando-nos amanha. Não terei criados. Nem automóveis; meus vestidos não serão de seda, nem de tecidos caros; não serei mais um modelo de elegância; mas serei feliz. Viverei numa casinha rústica, com poucos amigos, mas muito pressa. Moças como aquela que eu amo. Sei que tu te consolarás depois, na cidade há muitas. Esquece-me e sê feliz. Adeus! Marlene".

CECIL VANETTI CAMPS

CABELO BRANCO?

CARMELA



BELZEMA

para Erupções da Eczema

- Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.





Página

ECONOMIAS

A necessidade de realizar economias impõe-se pelas circunstâncias anormais ou pela exiguidade de recursos. Cumpre, por isso mesmo, à dona de casa, introduzir processos de economia positiva na administração do lar, vigiando desde as aquisições supérfluas, para restringi-las, até a forma de prolongar a duração de roupas, utensílios, etc., a tudo aquilo que, sendo suscetível de desgaste, tome a substituição menos custosa, para obter a desejada economia. Nesse sentido, oferecemos, aqui, alguns conselhos práticos, produtos da observação cotidiana.

OS vestidos que tenham guarnições de fio metálico precisam ser envolvidos em papel de seda negro. Dêsse modo se evita que os adornos enegreçam, obrigando a sua reposição com o consequente gasto.

VESTIDINHOS DE FESTA

A temporada de inverno traz como consequência as grandes festas: casamentos, reuniões infantis, aniversários comemorados com grande esbanjamento de alegria e bom gosto, bailes infantis, onde as meninas ostentam seus primeiros coquetismos com os primeiros vestidos compridos.

É um orgulho para uma garota o traje longo que a transforma em um adamo em miniatura. Simultaneamente com seu vestido de festa, a menina adquire uma atitude especial, mixto de vaidade e independência, e não é preciso ensinar-lhe a usar o vestido. Por instinto, ela se movimenta com tal desenvoltura, que dá a impressão de ter sempre andado assim com os joelhos cobertos e sentindo nos sapatinhos o roçar da fazenda. Não é difícil, então, preparar uma menina para uma grande festa, e só em casos excepcionais é necessário fazê-la enfiar. Entre os vestidos curtos e os compridos, muitas mães preferem os primeiros, que lhes servem de depósito para qualquer outra festa de menor categoria.



CONSELHOS

UMA menina deve sempre vestir-se com simplicidade. Esta não é sinônimo de elegância. Mas as duas cousas devem harmonizar-se na "toilette" de uma pequena que comce a formar seu gosto.

* * *

E' prudente, se a criança faz indagações a respeito da escolha de fazendas e modelos, orientá-la na razão da preferência, dando-lhe assim claras lições que contribuam para o sentido do bom gosto no vestir.



a do LAR

INDÍCIOS DE CHUVA

AS pessoas que vivem no campo podem falar de presságios de chuva observando o mundo que as rodeia.

No outono, a neve indica chuva e o orvalho, bom tempo. Se a lua está rodeada de um círculo branco, é provável a chuva. Se o círculo é amarelado, indica vento. E se aparece a lua branca e brilhante, sem auréola, é certo que fará bom tempo.

É indício de chuva ver os pássaros limpar as plumas, as andorinhas em vôo baixo e certos passarinhos, reunidos em bandos, gorgear alegremente.

Também indica chuva próxima notar que os peixes saltam fora d'água, as rãs cantam, os lagartos se escondem, os caracóis grandes se põem em movimento e as moscas se mostram importunas em excesso.

O QUE A DONA DE CASA DEVE SABER

OS limões são quasi tão necessários quanto o sabão. Não há nada que branqueie tanto a pele como um pouco de sumo de limão. Diluído em água e aplicado à noite, amacia a cutis.

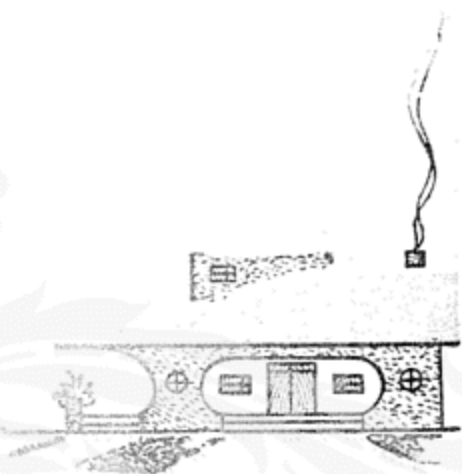
Para tirar as manchas, especialmente as de graxa e alcatrão, prepara-se um líquido com cem gramas de álcool desnaturalado, quarenta de sabão branco ralado, e sete de potassa cáustica. Dissolve-se a potassa no álcool, esquentando-se em banho-maria e junta-se, movendo o líquido, o sabão, previamente dissolvido no fôrno.

CARDAPIO

SANDWICHES DE MASSA E TOMATE. — Peneire juntamente: 2 xícaras de farinha de trigo, meia colherinha de sal, 4 colherinhas de fermento em pó. Junte 2 colheres de manteiga, batendo bem. Aos poucos vá adicionando: uma xícara média, de leite. Quando a massa estiver em consistência de estender, espalhe-a sobre o mármore enfarinhado, na espessura de meio centímetro. Procure estender de modo a ficar um retângulo. Corte a massa em 8 partes iguais. Arrume em um tabuleiro de ir ao forno. Sobre cada pedaço coloque uma fatia muito fina de carne, ou então, presunto e por cima, boa rodela de tomate. Leve ao forno quente por uns 20 a 25 minutos.

Este prato é muito bom para servir aos domingos, frio.

FILETS DE PEIXE, COM AMENDOAS E ANCHOVA. — Depois de haver cozido os filets em leite, coloque-os em uma forma "Pyrex", regados com molho de manteiga derretida e bastante sal, enfeite o prato com rodela de limão, raminhos de salsa, e filets de anchova arrumados em flôr sobre limões cortados em bicos. Por sobre os filets deposite as amendoas descascadas e torradas em manteiga. Sirva quente, com arroz.





É possível possuir a plasticidade perfeita do busto, que significa elegância e juventude. Para reconquistar a perfeição do busto use a PASTA RUSSA, que ativa a circulação do sangue, age sobre os tecidos atrofiados e dá firmeza aos seios. Recupera a juventude do busto usando PASTA RUSSA, um produto científico de absoluta confiança.

PASTA RUSSA

Em todas as boas farmácias e drogarias

Distribuidores
ARAUJO FREITAS & CIA.
Rua Miguel Couto, 88 - Rio



A MELHOR HOMENAGEM

(Conclusão)

do. E como não podia trazer-te um vestido fino, nem uma pele, nem uma jóia, nem qualquer dos objetos que constituem a felicidade das mulheres e o orgulho do homem que pode dá-las, trouxe-te a ti, a mulher a quem amo, o único presente que pude conseguir. É insignificante e talvez absurdo, mas é vida.

Mas, meu Donal! Incompreensivelmente!... Não quero nenhum presente!

Terá, que aceitá-lo, Célia querida. Se realmente não queres, não posso fazer outra coisa senão lamentá-lo. Mas já não podes recusar. É muito tarde... Escuta. Fiz um descobrimento com meu telescópio. Um cometa que ninguém até agora havia observado. E achou de saber que foi aceite o nome que eu propus, e que com esse nome foi inscrito. Célia, de agora em diante, e para sempre, esse cometa é teu. Esse cometa terá teu nome. Por todo o tempo que o mundo dure, ali estará teu nome, escrito com fogo nas céus...

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

veleu agora menos rígido mais maleável, mais sentimental do que da primeira vez que o vemos e ouvimos. O *Andante* da Sinfonia de João Cristiano Bach, o *Prelúdio* de "Lohengrin" de Wagner, e o *Largo* da Sinfonia de Dvorak foram modelos excepcionais da mais rigorosa técnica e serviço de mais requintada beleza. Houve mesmo um momento que nos algou a inacessíveis alturas, foi quando Kleiber tocou os pianíssimos do *Largo*; sentimo-nos verdadeiramente extasiados.

O auditorio numeroso aplaudiu com espontaneidade e calor, tanto o regente como a orquestra; bravos se ouviram na interpretação altamente comunicativa do *Largo* da Sinfonia de Dvorak. Houve também especiais aplausos ao *Momus* de Mignone, que, presente, foi alvo de repetidas e fervorosas palmas.

OSCAR D'ALVA

12-7-1944

MAIOR BRILHO
COM MENOR
TRABALHO!

Brasso
dá brilho
AOS METAIS!



ÉPOPÉIA DE AMOR

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

— Senhora, — disse ele, então, — se eu não sentisse toda a energia da sua alma e toda a sua firmeza de espírito, perguntaria a mim mesmo se minha visão não perturbou o seu sangue frio e se a senhora está mesmo no seu juízo. Que, senhora! Vá a dar-me uma hora depois de meia-noite para dizer-lhe que esses senhores estão deliberando! Com quem, diga-lhes deliberaram? Quem os convocou? Que perigos ameaça e ameaça o Estado? Estarão os espanhóis, a França, tendo pressentido a boa peça que eu lhes quero pregar nos Países-Baixos com o auxílio do meu leal amigo e almirante? Ou então a peste chegará-se em Paris? Realmente! O sr. Gondi está deliberando! O filho do mordomo de meu pai... O filho de um tratante que quer por toda a lei imbecilizar-se para não lhe compete. Vá cuidar da cozinha! Nunca está a deliberar! Um ambicioso que não sonha senão com matanças, na esperança de pescar no sangue algum novo título e que me deixa, às vezes, estranhos afazeres. Tavares delibera! Um côrdeiro suspeito de... Mas eu não digo mais... Não digo nada de meu irmão: é que talvez pense muita coisa a respeito dele, senhora!... Então esses senhores deliberam? pois que deliberem e que me deixem dormir em paz!... Boa noite, senhora!

E Carlos IX, voltando as costas a sua mãe, começou a despregar as agulhetas do seu gibão preto.

— Carlos, — disse friamente Catarina, — não se dispa. Ou então talvez seja pela última vez.

O rei voltou-se vivamente para ela. Seus olhos ficaram apavorados, sua face tornou-se de uma palidez plúmbea, como ficava no momento das suas crises. Catarina compreendeu que vencera o filho: o terror, como sempre acontecia nas suas discussões, entregava-lhe.

— Que se passa então? — balbuciou Carlos IX.

— O que há é que o senhor tem felizmente amigos que velam por si. O que há é que dentro de quarenta e oito horas, quando muito, o Louvre vai ser invadido, o rei assassinado, eu exilado. O que há é que os bravos servidores que eu acabei de mencionar vieram prevenir-me, e que por minha vez eu o previno. Agora, sire, torne a deitar-se, se quiser: eu vou avisar esses amigos dedicados de que a sua deliberação é inútil e de que o rei quer dormir em paz...

— O Louvre invadido! O rei assassinado! — repetia Carlos, passando as mãos pela sua testa pálida. Estou sonhando. É uma loucura...

Catarina segurou-o pelo braço, que esportou nervosamente.

— Carlos, — disse ela, com uma voz soturna, — o que é um sonho é essa desconfiança que tem de sua mãe, de seu irmão, daqueles que o amam e cujo interesse mesmo, na falta de afeição, é a garantia das suas dedicações. O que é loucura é entregar-se de pés e mãos atados a esses malditos hereges que têm horror à nossa religião, que juraram fazer triunfar as suas detestáveis doutrinas e que, para chegar a seus fins, são obrigados a começar matando o filho mais velho da Igreja... Que fez, Carlos? Cumulou essa gente de provas da sua afeição, a tal ponto que a cristandade católica do reino está reduzida

a poucos restos, a tal ponto que três mil senhores católicos, expulsos por Carlos, tomaram a resolução de salvar a França e a Igreja a seu pesar! E, lo, veja, nisso entre essas duas forças igualmente terríveis os huguenotes cheios de orgulho, ousados, não queriam mais deuses e senhores a impor-lhes a re-

forma... e os católicos despejados furiosos, forçados a fazer a revolta. O momento é grave, sire! Tão grave que se tratando a mim mesmo se arriscados a perder tudo, a honra e a coroa, nós não faríamos bem em salvar ao menos a nossa vida fugindo! A sua atitude de hoje não tem na pólvora. Jurando publicamente em plena rua vingar um infeliz tiro de arcaux que levou de leve no cinto almirante, o senhor subverte o povo inteiro, ao qual dois milagres sucessivos salvaram da vontade divina. O preboste Le Charron veio dizer-me que não pode mais conter os capões dos quartéis, e que por toda parte a multidão se reúne em roda das igrejas. Mandando aprovar o alito que desarmar os burgueses, o senhor deu autoridade ao leito de que quer mandar assassinar os parisienses pelos huguenotes. Escolhendo os hereges para a sua esquadra, o senhor deu a entender aos fidalgos católicos que eles não valem mais nada para o senhor, e que, dentro em pouco, teriam que ceder o passo aos huguenotes. Eis o que o senhor fez, sire! Ah! eu bem sei que o senhor só quer a paz, e que tentava livrar-se dos huguenotes mandando-os para os Países-Baixos, e que continua sendo o rei católico, o filho predileto de Roma! Mas quem ouvirá uma mãe cujo afeto é suspeito, e por consequente acusada de parcialidade? Digo-lhe, Carlos, que apenas nos restam algumas horas para tomarmos uma resolução suprema! Meu Deus! — acrescentou ela de repente, levantando os braços, — ilumina o rei, e diz-lhe, vós, já que ele desconfia de sua mãe, diz-lhe que chegou a hora de morrer ou de matar!

— Matar! — exclamou Carlos. — Sempre matar... Quem é preciso matar? Vejamos!...

— Coligny!

— Nunca!

Carlos indireitou-se, frio, desvairado. As palavras de sua mãe causavam-lhe vertigem. Um terror excessivo apoderar-se dele. Ele deitava em torno de si olhares de louco, e sua mão incrustava-se no cabo do seu punhal.

Mas a idéia do processo terrível que era preciso fazer ao almirante (porque, no seu espírito, era disso que se tratava) a idéia de mandar condenar à morte esse homem que era seu hospede, que ele tinha atraído a Paris e a quem ele acabara por se afeiçoar, enchia-o de um envencível horror. É verdade que algum tempo acreditara na sua mãe: ele tinha admitido que o almirante conspirava contra ele.

Mas as provas da inocência do velho chefe tinham-se acumulado tão numerosas, tão evidentes no seu espírito, que tivera que se render a essa evidência.

— A senhora tinha-me dito — continuou ele — que eu teria provas da traição de Coligny e dos huguenotes. Onde estão as provas?

— O senhor quer provas! — disse vivamente Catarina. — Te-las-á.

— E quando, então?

— Amanhã de manhã; no mais tardar. Ouça: Eu consegui mandar prender dois aventureiros que sabem de muitos segredos e que também estão informados ao mesmo tempo sobre Guise, sobre Montmorency e sobre Coligny. Um deles é esse moço, o cavalleiro de Pardaillan, que veio ao Louvre em companhia do marechal e que se portou de um modo tão singular. O outro é o pai dele. Eu tenho esses dois homens em meu poder. Amanhã de manhã eles vão ser interrogados no Templo, onde estão prisioneiros. Trabalhe- ei os autos do interrogatório e verá que Coligny não veio a Paris senão para matá-lo!

A rainha falava com tal convicção, que Carlos, já aterrado, ficou desta vez convencido.

Todavia ele não quis parecer ceder e disse, com uma firmeza aparente que estava bem longe do seu espírito:

— Está bem, senhora: amanhã, quero eu mesmo ler o interrogatório desse Pardaillan.

— Não é só isso, meu filho! — prosseguiu Catarina, com mais energia ainda. — Disse-lhe que Tavannes está na meu oratório, e o senhor diz-me que tem suspeitas do marechal. Pois bem: eu também suspeito dele! Semente eu não me contento com suposições. Trato de saber a verdade: sei-o!

Há então que dizer de Tavannes? exclamou Carlos, que desta vez teve um tal choque no estômago, que se deixou cair numa poltrona.

— Uma terrível acusação: sabe por que o marechal de Tavannes está no Louvre? Foi Henrique de Guise quem o mandou!... Então esse homem, que com um gesto, pode mandar marchar quatro mil soldados sobre o Louvre, persegue a Guise! E que comanda três quartos da guarnição de Paris; quem vem ele fazer no nosso conselho? Certificar-se se o senhor é realmente o rei, se o senhor vai tomar as medidas necessárias para a salvação do seu trono, da sua vida e da Igreja!... Na falta do que será Guise quem tomará essas medidas. Mas ele não salvará senão a Igreja!... Quanto ao trono e à sua vida, será preciso pedir a sua proteção. Ah! Carlos... meu filho... meu rei!... Tenha coragem, pelo sangue de Cristo! Veja os huguenotes que se apressam para uma suprema tentativa! Veja Guise, que espera um momento de fraqueza da sua parte para fazer-se eleger capitão-general e marchar contra o senhor... Contra o rei amigo dos hereges!...

— Pelo inferno! — exclamou Carlos levantando-se. Ah! quanto a esses, não hesito! Compreendi demasiado a sua trição. Eu quero que se prenda imediatamente Guise no seu palácio! Eu quero que se prenda Tavannes no seu oratório!... Olá...

— Sire! sire! — gritou Catarina, precipitando-se e colocando a sua mão sobre a boca do rei para impedir-lo de chamar.

— Que! senhora! também é do partido deles? — disse Carlos, desembaraçando-se dela.

— Carlos, que vai fazer? Onde estão os seus guardas para prender Guise? Saiba que Paris em péso se levantaria para defendê-lo. Não é só coragem e energia que é preciso ter agora, mas também prudência! Deixe iludir-se na sua segurança, e nós o apanhemos mais cedo ou mais tarde. O essencial é que ele nada possa fazer esta noite nem amanhã; e para isso é preciso que ele saiba por Tavannes que o senhor está decidido a salvar a Igreja!... Venha, Carlos, venha, meu filho... Vamos juntos jogar a partida suprema que vai firmar na sua cabeça essa coroa vacillante que tantas olhares previdentes julgam prêtes a cair!

Catarina parecia transfigurada pelo entusiasmo. Nunca o rei a tinha visto tão forte, tão valente, com o rosto afogueado, os olhos trágicos.

Ela estava bela nesse minuto, com essa beleza fatal e soturna dos gênios do mal, quando eles se apressam para atacar o mundo.

E ele, fraco enfezado, suando de medo e de febre, sentia-se perto dela uma criança.

Ela lhe segurara na mão e o arrastara com um irresistível vigor.

A rainha chegou ao seu oratório, abriu brusca- mente a porta e deu o passo a Carlos IX, que entrou primeiro.

— O rei! disse Tavannes.

Os outros levantaram-se, inclinaram-se, ficaram curvos.

Carlos IX recobrou bastante império sobre si, parecendo calmo.

Revestiu-se dessa dignidade afetada, de que se servem os grandes para esconder os seus pensamentos.

— Senhores, — disse ele, agradeço-lhes terem vindo ao meu chamado...

Esse rasgo de audácia era quase genial, e Catarina olhou para o seu filho com espanto.

Sentem-se, senhores, — continuou Carlos, e deliberemos sobre os negócios presentes. Pelo primeiro, sr. chancelier.

Sire, — disse Birague, — mandei apregoar o édito que proíbe aos parisienses sair armados para a rua. Ora, enquanto se apregoava esse édito, as ruas de Paris encheram-se de gente armada. Os capitães dos diferentes bairros reuniram os seus homens, e a esta hora há em cada casa soldados prontos a ocupar as chancelarias. Eu julgo, sire, que não será impossível reunir a semelhante força. As circunstâncias são tais, que Vossa Magestade me perdoará falar sem rodeios: se o sr. de Coligny ainda estiver vivo daqui a vinte e quatro horas, não ficará pedra sobre pedra em Paris.

— A sua opinião é então que devemos prender o senhor almirante e processá-lo?

— A minha opinião, sire, é que se deve executar o senhor de Coligny imediatamente e sem mais forma de processo.

O rei não demonstrou surpresa alguma.

Somente ficou um pouco mais pálido e os seus olhos pareciam mais baços do que habitualmente.

— E o sr. de Nevers?

— Eu, disse o duque de Nevers, — eu vi esta noite bandos de huguenotes a acusar em voz alta Vossa Magestade de duplicidade. Vi esses mesmos huguenotes muito pálidos e abatidos quando souberam que o almirante tinha sido morto; já se preparavam todos para fugir. Depois quando souberam da verdade, mais insolentes do que nunca, decidiram que era preciso exterminar os católicos, com recato de ser exterminados por eles: se se matar Coligny, fica o perigo conjurado. Mas se Coligny estiver vivo amanhã à noite ou domingo de manhã, eu penso, com o sr. chancelier, que nós todos estamos perdidos.

Tavannes, interrogado, deu idêntica resposta. O duque de Anjou assegurou que o marechal de Montmorency, à frente dos políticos, ia reunir-se aos huguenotes para derrotar o rei e Paris.

Gondi, num belo movimento de cólera, disse que estava pronto a ir estrangular o almirante com as suas próprias mãos.

Catarina não dizia nada. Ouvira e sorria. Somente depois de todos terem falado, quando ela viu Carlos IX tão pálido que parecia um espectro, com os lábios brancos agitados por um tremor convulsivo, ela se voltou para ele e disse:

— Sire, nós aqui presentes, e toda a cristandade como nós, esperamos a palavra que nos vai salvar.

— Querem então que o almirante morra? — perguntou Carlos.

— Que morra! — disseram eles todos com uma só voz.

O rei levantou-se da sua cadeira e pôs-se a andar com passos precipitados no oratório, enxugando com as costas das mãos o abundante suor que lhe escorria pelo rosto.

Catarina acompanhava com os olhos as suas evoluções.

A sua mão, essa mão de mulher ainda delicada e bela, confrangia-se no cabo do punhal que ela trazia sempre à cinta.

Uma dupla chama fulgurava nos seus olhos cintilantes; as suas sobrancelhas estavam carregadas; toda a sua pessoa estava numa tensão de vontade levada ao seu auge.

Quem pode saber quais os pensamentos que a dominaram nesse momento?

Quem sabe se ela não pensou no assassínio desse filho indigno de si?

Carlos IX andava de um lado para outro, murmurando palavras soltas.

A rainha viu-o parar ao pé de um grande tapete de prata massivo sobre uma cruz de ágata.

Ele levantou o olhar desvairado: — O rei de França pareceu olhar-se.

Catarina deu três rápidos passos e, levantando os braços para a cruz, com voz calma, mas firme, exclamou: — Maldize-me, senhor, maldize-me por ter tido um filho indigno de si!

Maldize-me, senhor, maldize-me por ter tido um filho indigno de si! Maldize-me por ter tido um filho indigno de si! Maldize-me por ter tido um filho indigno de si!

Carlos, de cabelos ericados, recuou e exclamou: — A senhora está blasfemando!

— Maldize-me, Senhor! — continuou Catarina, exaltada pelo excesso de esforço. — Maldize-me por ter tido um filho indigno de si! Maldize-me por ter tido um filho indigno de si! Maldize-me por ter tido um filho indigno de si!

— Basta! Basta, senhora!... Que quer?

— A morte do Abti-cri-ito.

— A morte de Coligny! — murmurou Carlos.

— Ah! — exclamou Catarina, com voz entoadada — o senhor vê bem que esse é o seu nome!... Sim, sire, o senhor sabe-o, como todos nós que Anticristo é o hipócrita que nos matou mais de seis mil bravos em tantas batalhas; que nos fez uma guerra odionhada; que, na própria Paris, exalta o orgulho dos seus demônios e fomenta a destruição da santa Igreja!

— É meu hóspede, senhora!... Senhores, lembrem-se, meu hóspede!... Será uma deshonra para mim se eu o matar!

— É o inferno que nos espera, a todos, se ele viver! rugiu Catarina.

— Eu volto para a Itália, — disse Gondí. — A salvação da minha alma antes de tudo!

— Sire, — disse o chanceler de Birague, — digne-se Vossa Majestade permitir-me que eu me retire para as minhas terras...

— Pelo raio do céu! — vociferou Tavannes, como se não tivesse mais consideração alguma. — Eu vou oferecer a minha espada ao duque d'Alba!

— Partam! — exclamou Catarina. — Partam todos, pois! Que se inicie o êxodo dos filhos de França! Desgraçados! Desgraçados de nós!... Carlos, tua mãe ficará só contigo, e morrerá aos teus olhos, cobrindo-te com o seu corpo para que os hereges não te matem!...

E, aproximando-se dele, segredou-lhe ao ouvido:

— Antes que Henrique de Guise seja proclamado rei de França, por ter arrancado o reino aos huguenotes!...

— Os senhores querem! — arquejou Carlos IX. Todos o querem!... — Pois bem; matem-no! Matem o almirante! Matem o meu hóspede! Matem aquele que eu considero meu pai! Mas, pelo inferno, mantêm também todos os huguenotes de França, afim de que não reste um só para exprobar-me a minha felonía! Matem! Matem tudo! Matem!... Ah!... O seu rosto convulsionou-se.

E uma gargalhada fúnebre, fantástica, terrível, que

às vezes lhe vinha nos lábios, sacudiu-o com um tremor nervoso.

Enfim! — tinha arrastado Catarina, com uma alegria furiosa.

— Enfim! — repetiu o marechal de Tavannes, com alguma contrariedade.

Com um gesto, Catarina levou-os todos ao seu gabinete contíguo ao oratório, ao passo que o rei cala sobre uma poltrona, lutando desesperadamente contra a crise que se lhe brava.

— Senhor marechal, — disse então Catarina, olhando para Tavannes, de frente, — encarrego-o de prever o senhor do futuro de que o rei está decidido a salvar a Igreja e o reino. Não contamos com ele...

Tavannes inclinou-se.

— Deixem partir, senhores, já bateram três horas; deixem a paz ao senhor de Guise, o senhor de Anjou, o senhor de Montpensier, o senhor de Damville, não esqueçam o prebendeado Barron. Que as setecentas e três mil almas não sejam salvas a batalha sangrenta que vai salvar a religião. Vão, senhores, que Deus os acompanhe!...

— Não se esqueça a rainha! — disseram eles retidamente.

— Não se esqueça a rainha! — disseram eles retidamente.

Catarina segurou-lhe em ambas as mãos contemplando-lhe profundamente com uma profunda ternura, e, com uma voz muito baixa, murmurou:

— Meu filho, meu filho! Vai descansar...

— Não se esqueça o futuro Henrique III, desejando, — murmurou ela, senhora.

E, sem responder ao beijo da sua mãe, cujos braços, tornaram a cair lentamente, e cujos olhos se encheram de lágrimas.

Essa indiferença do filho preferido, adorado, era o tormento a serena chaga desse coração de granito. Talvez fosse o castigo.

Depois de alguns minutos de meditação, Catarina foi abrir uma porta.

Ruggieri apareceu. Ele tinha envelhecido dez anos nesses três dias. As suas costas curvavam-se. As feições tinham-se tornado grisalhas.

— É a hora, — disse a rainha.

— Previne Cruché, Kervie e Pezon...

— Sim, senhora — disse Ruggieri, com uma voz estranha.

E para a noite de amanhã. Encarregate do sinal. Às três horas, depois da meia noite. A hora é boa. É o momento em que o sono é profundo. Mandarás alguém tocar os sinos de Saint-Germain-l'Auxerrois...

Ruggieri estremeceu e fez um gesto de horror.

— Estás louco? — exclamou Catarina, levantando os ombros.

— Irei eu mesmo, — murmurou surdamente Ruggieri, — ainda não se tocam os sinos para o meu filho... Eu tocarei!...

— Ela fez um gesto violento e brusco para afugentar esses pensamentos, e prosseguiu:

— A propósito, que fizeste de Laura?

— Morta, disse Ruggieri.

— E Panígarola?

— Eu não sei.

— É preciso averiguar. Esse homem pode ser perigoso... se ele sobreviver à sua amante... Vai agora: eu tenho que trabalhar.

Ruggieri desapareceu silenciosamente, pálido como um fantasma.

A rainha sentou-se à sua mesa.

Se bem que fossem mais de três horas, ela não tinha sono algum.

Segurou na pena e pôs-se a escrever febrilmente...

Mas, em breve, parou... A pena caiu-lhe das mãos... Sua cabeça inclinou-se, e com uma voz surda, apenas perceptível, num longo e terrível suspiro...

ro, que lhe dilatou o peito, murmurou:

— Era o meu filho!

Entretanto, Carlos IX, a cabeça em fogo, o corpo tiritando de febre, arrastara-se para fora do oratório, ao longo do corredor secreto, e tinha voltado ao seu quarto de dormir. Ele se atirou todo vestido, atravessado na cama, mas não ficou ali senão uns minutos.

Andava de um lado para o outro com passos trêmulos e, às vezes, levantava as cortinas da sua janela, para ver se o dia não amanhecia.

Os seus dois galgos favoritos, Nysus e Earyalus seguiam-no com ar inquieto nas suas evoluções.

— Que fazer para não pensar nisso? — murmurou ele, batendo o queixo.

Acendeu quantas velas havia no quarto, e, indo a um pequeno armário de vidro, de lá tirou um manuscrito.

— Se eu trabalhasse um pouco no meu livro?

O manuscrito era todo da mão do rei. Trazia este título: "A Caca real" (Esse livro foi impresso em 1625, revisto e corrigido por Villeroi).

O rei folheou-o maquinalmente com as suas mãos agitadas por um tremor nervoso, e chegou às últimas linhas, à última frase. Ele começava com estas palavras:

"Quando o animal se rende, halali..."

— Halali! — exclamou o rei. — Ah! que sinistro e infernal halali se prepara!...

Ele atirou furiosamente o manuscrito para o fundo do pequeno armário. Ouviu-se um gemido.

— Quem está aí? — gritou Carlos, ficando ileído.

Era Nysus, um dos seus dois cães, que queria ser acariciado.

Aí estavam ambos, com o focinho pontudo no ar, olhando para ele e interrogando-o.

— Ah! disse Carlos, dando um suspiro... Que querem?... São cães de caça?... Querem a presa, não é?... Arredem, arredem! É sangue demais!...

Os dois galgos, assustados, recuaram, dando um gemido.

As pernas de Carlos vacilaram, as mãos estenderam-se, procurando um ponto de apoio. Caiu.

As unhas incrustaram-se no tapete; os olhos convulsionaram-se até parecer inteiramente brancos; a boca espumou... Os lábios, confrangidos, murmuraram palavras confusas, que deviam ser gritos, mas que eram apenas perceptíveis:

— Acudam-me!... E' Guise que me assassina! Matam-me!... Quem vem atrás dele?... Coligny! Os huguenotes!... A morte! Matem, matem!... Ponham-me esse Pardaillan no cavalete. Responde! Que sabes?... Guise e Coligny querem trucidar-me? Dize!... Ei-los!... Acudam-me!... Cosseins!... Prendam minha mãe! Ah! eu morro!...

Ele ficou arquejante durante dez minutos. Depois, erguendo-se com o auxílio das mãos:

— Quanto sangue!... Senhor! Senhor!... Como estou agora suando sangue!... Mestre Ambrosio, salve-me!... Horror! é sangue! Um mar de sangue! Sufoco! Acudam-me! Ah! eles vão deixar que eu me afogue no sangue!... Está subindo... Está marulhando... Está por toda parte... Fugamos, Maria, fugamos... Lá mais alto, nas torres de Notre-Dame!... Fugamos, Maria... O sangue está subindo sempre... Mais em cima... Até no tórre... Ah! os sinos! Misericórdia! O sangue sobe... Paris! Onde está Paris?... Não existe mais Paris... Está todo submerso no sangue!...

Durante uma hora, o rei debateu-se contra a crise, no terrível pesadelo da sua visão. Depois, respirou com um sôpro curto e penoso, caindo num sono profundo. Quando acordou, amanhecia.

Um enorme cansaço fazia-o permanecer nesse canto do tapete, onde ele tinha caído. Viu os seus dois cães deitados junto dele e lambendo-lhes as mãos.

Ele acariciou-os lentamente e, ao cabo de alguns minutos, conseguiu levantar-se.

Seus braços levantaram-se e, com toda a sua febre, com toda a sua crença, nervosa, balbuciou:

— Senhor! Meu doce Jesus!... Foi só um sonho!

A SALA DA TORTURA

Ao passo que se desenrolavam no Louvre os trágicos incidentes desse formidável e supremo conciliábulo que tentamos descrever, na sua prisão do Templo, os Pardaillan, deitados no seu monte de palha, dormiam, ao lado um do outro, cheios de intrepidez, a sua última noite de condenados.

Pois era nessa manhã, sábado, 23 de agosto, que deviam sofrer o interrogatório ordinário e extraordinário.

E isso equivalia a uma condenação à morte.

Que morte!... Os ossos moídos, as carnes arrancadas com tenazes em brasas, as pernas apertadas num tornilho mortal a ponto de estalarem as veias e sangue a jorrar e a esguichar...

Eis o que esperava os dois aventureiros. A tortura devia fazer-se às dez horas da manhã.

Eles dormiam.

Havia seis dias que tinha sido preso, o cavaleiro diante do convento onde Deus foi fervido, e viera reunir-se ao seu pai nessa prisão e não tinham tido nenhuma notícia de fora. Montluc não os tinha vindo ver. Talvez o bêbado os tivesse esquecido. Eles não viam nem mesmo os carcereiros, pois passavam-lhe do que comer e beber por uma abertura feita na porta. O único ruído que lhes chegava aos ouvidos era o passo monótono e sonoro de uma sentinela no ladrilho do corredor, ou então a coronha de um mosquete pousado pesadamente no chão.

Nos três primeiros dias, e apesar de tudo o que lhe dizia o pai, o cavaleiro tinha procurado ativamente um meio de evasão. Tinha sondado as paredes: a sua espessura — talvez de cinco ou seis pés — desafiava qualquer tentativa; seria necessário um ano para conseguir far-las sem o auxílio de instrumentos necessários. E para chegar onde? Sem dúvida, nalguma prisão contígua.

Quando a janelinha por onde se coava uma luz muito parca, nem havia meio de se chegar às grades.

A porta era de carvalho massiço, revestida de ferro, guarnecida de enormes pregos.

Sendo inútil a força, o cavaleiro pensou em descobrir um ardil. Uma noite, deitou-se no chão, pôs a cabeça no portinhola, chamou a sentinela e ofereceu-lhe quinhentos escudos de ouro se ela conseguisse em ajudá-lo a sair, não duvidando de que o duque de Montmorency pagasse a dívida. A sentinela respondeu que o senhor de Montluc, o governador, era tão desconfiado, que guardava no seu quarto as chaves dos cárceres onde se achavam os prisioneiros mais importantes; que mesmo que ele, soldado, tivesse essas chaves, não abriria, nem por todo o ouro do reino, visto ter ele ainda mais amor à sua cabeça do que à riqueza; enfim, que, se o prisioneiro lhe dirigisse mais uma vez a palavra, fôsse qual fôsse o motivo, ele se acharia na obrigação de mandar prevenir o governador, que trataria logo de mandar descer o tentador ao fundo de alguma masmorra dos sub-solos. Com isso a sentinela recomençara o seu passeio monótono.

— Vês? — disse o velho Pardaillan. — O mais que obterias com novas tentativas, seria separar-nos; ora, já que não temos senão dois ou três dias para viver, fiquemos juntos ao menos! Se tivesses seguido os meus conselhos. Os homens são maus, as mulheres perversas. Eu te disse que não te fiasses neles! Por que diabo quiseste trantornar a boa ordem estabelecida desde o começo dos séculos? Um homem de bem, vês, é um animal perigoso, e quando, por acaso, apa-

rece um no meio dessa alcatéia de lobos que é a Humanidade, os outros homens não descansam enquanto não acalham com ele, ou pela força ou pela calúnia, ou enfim, por um dos mil meios de matar que o gênio inventivo das sociedades teve o cuidado de criar e aperfeiçoar. Ora, por que estás a suspirar? Tens pena de morrer?

— Pela fe que sim, senhor, — respondeu o cavalleiro, na simplicidade da sua alma. Eu amo a vida, confesso. E, depois, parecia-me que tinha um papel a representar e apenas ensaiei os primeiros gestos. Queria fazer reviver a velha cavalaria dos tempos de Carlos Magno. Quisera ser um desses homens simples dignos que, de lança em riste, o coração forte e o espírito livre, iam pelo mundo para aperturar os maus e consolar os fracos. Porque há muitos sofrimentos ainda do que maldade nos homens. O grande rebanho não tem senão sonhos de paz e de felicidade. Há lobos, é verdade. Os reis, os príncipes, esses que enmagam o mundo com a terrível pé, da sua ambição; bastaria suscitar alguns bons cavalleiros contra esses devoradores. Eu quisera ser um desses, meu pai.

Era conversando sobre essas cousas que os dois Pardaillan evitavam falar em Louise, um para não despertar no filho uma suprema dor, e outro para não chorar. E assim chegaram à noite de sexta-feira, a última noite.

Como todas as noites, eles adormeceram ciosamente.

Como todas as manhãs, o velho Pardaillan acordou primeiro, às seis horas. Um tênue raio de luz estava batendo no rosto do cavalleiro; ele sorria, sonhando sem dúvida com Louise.

O soldado contemplou-o com uma indizível expressão de ternura e de dor. A hora terrível tinha chegado. Um leve movimento que ele fez acordou o moço. Este abriu os olhos e viu seu pai inclinado sobre ele.

Então cada um estremeceu nas profundezas do seu ser, e cada um se esforçou por conservar uma expressão serena no rosto.

Não disseram nada um ao outro. Que diriam nesse momento supremo?

O cavalleiro tinha tomado uma das mãos do velho soldado na sua e, olhando-se corajosamente, sorrindo às vezes, como se respondessem a pensamentos secretos, eles esperaram assim.

Entim, depois de horas, que lhes pareceram minutos, eles ouviram um ruído de passos numerosos no corredor.

No mesmo instante puseram-se de pé.

Abraçaram-se silenciosamente, com um demorado abraço de adeus.

Falar teria sido impossível nesse momento. Cada um deles não tinha senão uma idéa; não causar sofrimento ao outro pelo espetáculo da sua própria dor, não agravar a sua agonia...

A primeira palavra eles teriam soluçado...

A porta abriu-se. Montluc apareceu. Trazia uma escolta de vinte arcabuzeiros.

Os dois prisioneiros seguravam na mão um do outro, com tanta força, que seria difícil separá-los.

Montluc fez um sinal: os guardas rodearam os dois Pardaillan, que tiveram um último minuto de alegria soturna vendo que até o fim ficariam juntos. Puzeram-se a caminho.

O cavalleiro observou que na extremidade do corredor havia outros guardas que esperavam; toda a guarnição do Templo — sessenta soldados — estavam a postos.

Desceram uma escada de pedra. Penetraram nas entranhas da velha prisão. Chegaram enfim a uma grande sala lageada. Era a sala da tortura.

O carrasco juramentado ali estava. Junto dele estava um homem que à luz dos archotes o cavalleiro

reconheceu imediatamente: era Maurevet. O cavalleiro voltou a cabeça para seu pai e sorriu. Maurevet estava livido e tremia de raiva e de impaciência.

Trinta arcabuzeiros perfilarão-se em roda, das abóbadas baixas. De seis em seis homens havia um archote.

Os Pardaillan viram tudo isso de relance. Viram o cavaleiro de tortura, com as suas cunhas de madeira e o malleto pousado sobre o lagedo; viram um braceiro de onde se aqueciam ferros, tenazes. Viram o carrasco dando ordens a dois homens, seus auxiliares; viram Montluc conversar com Maurevet. E, nesse momento, uma atroz visão de pedrada.

— Por qual começamos? — perguntou Montluc.

— Senhor... — disse o cavalleiro, dando um passo para a frente.

Logo dez rudes mãos se abateram sobre ele, como se buscassem alguma tentativa desesperada.

— Que quer? — resmungou Montluc.

— Um favor — disse o cavalleiro, fazendo um terrível esforço para firmar a voz.

— Pá... —

— Mandei torturar-me primeiro.

— Que! — exclamou o velho Pardaillan — O que estás pedindo é injusto. Honra à idade, que diabo!

— Para mim é o mesmo — disse Montluc, interrogando Maurevet com o olhar.

Maurevet procurou ver a expressão dos olhos do cavalleiro; mas o moço tinha voltado para seu pai um supremo olhar de adeus.

— O velho primeiro! — exclamou Maurevet, com um tom de ódio implacável.

Ele tinha adivinhado o que o cavalleiro ia sofrer, vendo torturar o pai. Ao mesmo tempo recuou vivamente para uma porta que dava para uma espécie de gabinete onde estavam armados diversos utensílios. Ali, no escuro, uma mulher vestida de preto, o rosto coberto por um longo véu, esperava, semelhante ao gênio familiar desse inferno.

Ela fez um sinal a Maurevet, que gritou:

— Vamos, carrasco; começa a tua tarefa.

— Então vai primeiro o velho, não é? — perguntou o carrasco, com uma voz indiferente.

— E! Vamos. Avia-te! — respondeu Maurevet, ofegante.

Os dois ajudantes, o carrasco e alguns guardas seguraram o velho soldado.

— Meu pai! Meu pai! — rugiu o cavalleiro, num clamor aflitivo.

E como que galvanizado pelo desespero, ele se curvou, endireitou-se, retorceu-se, fazendo vacilar e tremer os oito guardas que tentavam mantê-lo. Houve um momento de tumulto e de desordem. Montluc puxou o punhal, e Maurevet gritou: "As corrente! As correntes!", quando, de repente, a porta da sala das torturas se abriu, e uma voz ofegante, uma voz de mulher, estridente, dominou a terrível luta:

— Em nome do rei!... Está suspensa a execução!...

A esse grito — "em nome do rei", todos ficaram imóveis; até o carrasco, que deixou cair os correntes com que começava a amarrar as pernas do cavalleiro; até Maurevet, que mordida os punhos para abafar um urro de raiva; até Catarina de Medicis, que, no escuro, estremeceu, violentamente.

E todos viram então uma mulher, uma moça de porte elegante, modestamente vestida, que olhava com profunda alegria e compaixão, comovida, para os dois condenados, e que, de mãos postas, murmurava:

— Seja bendita a Virgem, minha padroeira! Cheguei a tempo!

Os dois Pardaillan tinham-se dado as mãos.

— Maria Touchet! — murmurou o cavalheiro, inclinando-se com uma graça chela de simplicidade extraordinária, num tal momento.

— Quem é a senhora? — perguntou Montluc, dirigindo-se para a moça.

— Sou uma enviada do rei de França, e é quanto lhe importa saber, senhor — disse Maria Touchet.

— Como foi que chegou até aqui?

Sem responder, ela apresentou um papel que Montluc foi ler ao clarão de um archote. Continha estas palavras:

— Ordem ao governador, porteiros e todos os carcereiros do Templo, para deixar passar o portador da presente, até à sala das torturas. — (Assinado) — Carlos, rei".

— E agora leia isto — continuou Maria Touchet. E ela apresentou a Montluc, estupefado, um segundo papel, no qual o rei tinha escrito, com o seu próprio punho, estas linhas:

— "Ordem para suspender o interrogatório dos senhores Pardaillan, pai e filho. (Assinado) — Carlos, rei."

Depois de ter lido, Montluc voltou-se para o sargento que comandava as guardas, e disse:

— Levem os prisioneiros para o seu cárcere. Carrasco, voltarás quando aprouver ao rei.

— Esperem! — exclamou Maurevert. — Ainda não está decidido...

— Tudo está dito quando o rei ordena! — disse Montluc. — Guardas, levem os prisioneiros!

O cavalheiro e o velho soldado, durante esses poucos instantes, estavam com os olhos pregados em Maria Touchet e agradeciam com toda a eloquência dos seus olhares. Sairam, cercados de guardas, já mais respeitosos; estavam ambos atordoados, a alma dolorida por essa alegria indizível que poucos condenados em idênticas circunstâncias podiam suportar sem desfalecer.

Então Maria Touchet retirou-se, por sua vez, semelhante a um desses anjos das lendas, baixando um instante na mansão dos demônios.

Na lugubre sala não ficaram senão Maurevert e Montluc.

— Confie-me estes papéis — disse Maurevert. — O rei ficará satisfeito, sem dívida, com a sua prontidão em obedecer; mas, enfim, se eles não fossem mandados por ele?

— Pela fé, meu caro senhor — disse o veterano, — que sejam do rei ou de um outro qualquer, pouco me importa. Há ou não um selo nesses papéis? Há, não é? Esse selo está ou não com as armas do rei? Está. O resto não me compete. No mais, eis aqui os dois papeluchos, interrogue a este respeito a velha donzela que veio aqui em nome da rainha.

Maurevert sorriu de um modo irônico, ouvindo o governador falar com tão pouco respeito; essa velha donzela era a própria rainha. Ela devia ter ouvido. E Maurevert odiava agora Montluc.

Ele pegou nos papéis, tomou uma vela e entrou no gabinete.

— Eu ouvi tudo — disse a rainha, olhando apenas de relance para os papéis. Conheço a pessoa que veio.

— Então, foi mesmo o rei quem assinou? — balbuciou Maurevert. Que fazer, então?

— Obedecer. Eu vou ao Louvre e arranjo as coisas. Fique descansado. O que está dito, está dito; o senhor terá esses dois homens. Dentro de oito dias, venha ao meu palácio. Até lá, vá viajar; não fique em Paris. O senhor cometeu uma primeira falta, errando o tiro no almirante. Se cometer uma segunda, deixando-se prender — pois estão à procura

do assassino — ficará desta vez perdido sem remissão.

Maurevert estremeceu.

Parecia-lhe que Pardaillan lhe escapava; e, resolvido a arriscar a vida, contanto que satisfizesse a sua vingança, convencido, de resto, de que Catarina ainda precisava dele, respondeu:

— Senhora, eu creio que o meu interesse exige que eu fique em Paris. Dentro de oito dias, de resto, terei o mesmo interesse que agora em descobrir o autor da arcabuzada do claustro.

— Não creio! — disse Catarina, com um sorriso contrafeito.

E segurando no braço de Maurevert:

— Eu o protejo, ouviu? O seu grande erro não foi ter atirado no almirante, foi ter falhado o tiro. Mas, afinal, as coisas estão melhor assim; a sua inspeção talvez seja um ato extremamente hábil. E' por isso, Maurevert, que eu lhe perdoo ter poupado Colligny; é porque o destino a mais elevadas tarefas. Obedeça, parta, volte dentro de oito dias, e saberá então todo o meu pensamento. E quanto a esses dois homens não se aflija; respondo por eles.

— Obedeçerei, senhora — disse Maurevert, inclinando-se profundamente.

Retirou-se, dizendo a si mesmo:

— Aloje-me nas vizinhanças do Templo, e não me mexo nestes oito dias; quero ver, também.

A rainha retirou-se, por sua vez, escoltada por um simples sargento da guarda, que a acompanhou até à porta pequena, porque todo mundo, mesmo Montluc, ignorava no Templo quem fosse a senhora do véu preto.

— Como e por que se interessará a amante do rei por esses dois aventureiros? — perguntava a si mesmo Catarina. — Como e por que obteve ela essa ordem de suspender a execução?... Sabê-lo-ei dentro de alguns dias. Os Pardaillan não podem escapar-me. Por hoje, afastemos esse infimo aborrecimento e pensemos na grande obra!

Como obtivera Maria Touchet a prorrogação?

E' o que vamos explicar rapidamente.

O criado do rei tinha entrado às sete horas da manhã nos aposentos de Carlos IX, e o encontrara a despir-se.

— Vós — disse Carlos — eu passei a noite a trabalhar...

— Também Vossa Majestade está de meter medo — disse familiarmente o criado.

— Vou recuperar isso. Quero dormir até às onze horas, estás ouvindo? Que ninguém entre aqui; dirás aos meus fidalgos que hoje eles não assistirão ao meu levantar da cama, e que eu os espero no meu jôgo da pela, depois do meio-dia. Vai vai... Eu quero ficar só.

O criado partiu, o rei acabou de despir-se, mas para vestir-se imediatamente, com uma roupa de pano, de aparência burguesa.

Em seguida, pelos corredores e escadas secretas, chegou a uma portinha, não longe da esquina próxima de Saint-Germain l'Auxerroise, e, tendo-a aberto com uma chave que só ele possuía, achou-se de baixo de uma abóbada.

Essa espécie de poterna estava fechada do lado de dentro, por uma pesada porta de ferro.

O caminho em declive, íngreme, dava nos fossos. Por uma ponte feita de tábuas, passava-se sobre a água corrente.

Depois da ponte, uns degraus feitos no barro, cobertos de gramado, levavam até o bordo exterior dos fossos.

Era por aí que o rei passava, quando queria que o julgassem no Louvre, enquanto ele passava na sua boa cidade, como um colegial, contente por escapar algumas horas à dura sujeição.

Assim que se viu fora, o rei respirou a plenos pulmões o ar fresco do Sena.

O seu estreito peito dilatou-se.

Um leve rosado coloriu-lhe as faces, e os seus olhos descansaram um momento no lindo panorama do rio, nas suas pontes chelas de casas com telhados pontegudos, na fileira de torrezinhas e cantareiros, e em perspectiva, na claridade pura e quente dessa manhã de agosto, Notre-Dame, cujas torres o sol tingia de luz rosada.

Ele subiu o curso do rio, depois tomou a esquerda, alcançou a rua Barrés e penetrou na casa de Maria Touchet.

Era aí que depois desses terríveis meses, que o reduziam ora a um miserável farrapo humano, ora a um louco furioso — era aí que ele vinha procurar o descanso reparador; era aí, quando sentia a sua alma envenenada pelo ar do Louvre, que vinha respirar desfogadamente; era aí que vinha encostar o sossêgo e a ternura quando tinha sido vítima de terrível discussão com a sua mãe.

Quando o rei entrou no aposento de Maria Touchet, parou na soleira da porta, maravilhado com o espetáculo que tinha sob os olhos: Maria Touchet sentada perto de uma janela, cuja vidraça levantada deixava entrar ar e luz em borboêdes, estava com trajes matutinos. Os seios nus. E nesses seios estava uma criançazinha rosada, viçosa, que, com amêdores maldozinhas, apertava os belos seios brancos, manobrando com vontade, as perninhas debatendo-se ao ar numa ginástica de satisfação; ele esfregava os peitosinhos como se esfregam as mãos.

Maria contemplava-o a sorrir. Parecia dizer: "Que guloso! Bebe, meu filhinho, bebe sem receio o bom leite de tua mãe..."

Carlos não se mexia...

Enfim, a criança, depois de farta, adormeceu de repente, com umas gotas de leite ainda nos cantos dos lábios.

Então Maria Touchet levantou-se e pousou-o docemente no berço.

E ficou olhando-o com admiração.

Nesse momento, Carlos entrou sem ruído, prendeu-a por trás, nos seus dois braços, e pôs-lhe ambas as mãos sobre os olhos, rindo-se como um menino que está pregando uma peça.

Maria reconheceu-o imediatamente, mas, prestando-se ao gracejo do amante, exclamou, rindo-se com gosto:

— Quem está aí? Quem é o malvado que está impedindo-me de ver o senhor meu filho? Ah! é demais! Vou queixar-me ao rei...

— Queixa-te, pois! — disse Carlos, retirando as mãos e recuando. — Eis aqui o rei.

E Maria atirando-se nos seus braços, ofereceu-lhe os lábios, dizendo:

— Meu caro senhor, o primeiro beijo é meu... E agora, o senhor meu filho — acrescentou ela, depois de Carlos tê-la beijado.

O rei debruçou-se sobre o berço.

Maria estava junto dele também debruçada.

As duas cabeças tocavam-se.

Ambos os rostos exprimiam a mesma admiração ingénua, e no do rei também transparecia estupeficação...

— Que! Este pequeno ser tão forte, tão belo, é meu filho!...

O rei estava perplexo... Procurava um lugar para colocar o pequeno, sem acordá-lo, e, finalmente, não conseguindo, voltou-se para Maria, beijando-a e dizendo:

— Olha; dá-lhe este beijo... Eu poderia machucá-lo...

Maria Touchet tocou levemente a testa da criança com os seus lábios.

Depois ambos, levantando-se, foram nas pontas dos pés para a sala de jantar, onde o rei se atirou numa poltrona, dizendo:

— Estou calando de sono e de fraqueza.

Maria Touchet sentara-se no seu colo e acariciava docemente os cabelos de Carlos.

Conta-me os teus sofrimentos — dizia ela. — Como estás pálido!... Quem mais te atormentou?... Não tiveste a crise, ao menos?... Meu bom Carlos... conta à tua amiga...

— Sim, Maria, tive ainda uma crise, e foi terrível... O que há de pior, vê, é que no meu mal há um novo sintoma... Outrora, lembra-te?, durava pouco. Eu sofria aquilo, é verdade, mas, uma vez passada a crise, eu recobrava a saúde. Agora sinto que o meu espírito se desequilibra... Meu cérebro torna-se... quando sinto aproximar-se a crise apoderosa de mim um ódio furioso contra a humanidade... Não sei momentos em que eu quisesse destruir tudo o que me rodeia... Não fui em Paris, como te contei, a fim de ir ao Vaticano de Roma, ferir, matar... Ah! quando eles me lembram que os reis não são santos, quando são temidos, quando matam... quando me olham no sangue...

— Maria, tudo isso vai passar... Não precisas sedar-te de um punco de repouso...

— Sim, calma... repouso... Mas onde encontras a não ver aqui? Maria, eu estou cercado de conspiradores...

— Não, Carlos, não. Aqui, ao menos, aqui descanso um pouquinho a tua cabeça, querida cabeça... Desatenta, continua a que te faz sofrer, mas não me dizes os teus receios, pois é sempre por pensar nessas coisas que te excitas... criança!... És o rei... sossega... Ninguém ousará tocar em ti.

Ela continuou a falar com a sua voz meiga e monótona, acalentando-o, consolando-o.

Mas, desta vez, o rei não quis consolar-se.

Muitas coisas demais, e coisas terríveis demais, estavam preparando-se em torno dele. E como não conseguisse falar nisso, pôs-se a contar que o partido dos Guise tramava a sua ruína e que sua mãe tinha descoberto a prova da conspiração, e ainda que, mesmo nessa manhã, iam ser torturados dois perigosos acólitos de Guise.

— São nove horas — terminou ele. — Dentro de uma hora, esses malditos Pardailhan confessarão tudo, eu saberei a verdade.

Maria Touchet deu um grito.

— Tu dizes que vão torturar dois homens que se chamam Pardailhan?

— Vão, sim, São, sem dúvida, servidores de Guise. E' certo que eles estão ao par de muitos segredos.

— Sire — exclamou Maria Touchet — peço-lhe o perdão desses dois homens.

— Que? Perdeste o juízo!...

— Não, não, meu bom Carlos! Não te disse que fui salva por dois desconhecidos que me disseram chamar-se Brisard e La Rochette?... Pois são eles! Ramus descobriu os seus verdadeiros nomes.

— Ah! bem vêes que eles conspiram, já que escondem os seus nomes!... Ouve, Maria, queres que eu seja morto?...

— Carlos! Meu Carlos! Juro-te que eles não podem ser culpados! Ah! tu procuravas ambos para cumular-lhes de honras... e agora vão torturá-los!... E' horrível, sire! Esses dois homens salvaram-me! Se estou viva, é graças a eles...

— Maria!

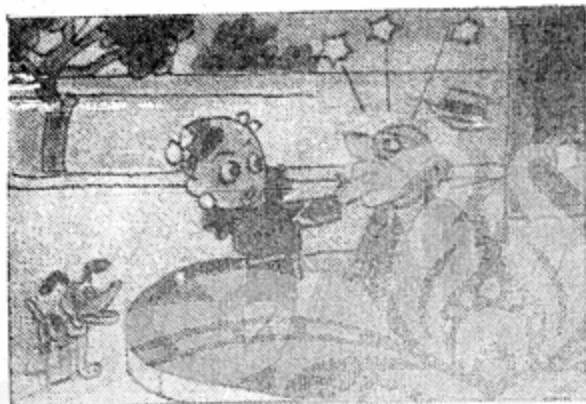
— Não, Carlos! Eu seria uma infame se deixasse entregar ao carrasco dois valentes fidalgos que arriscaram suas vidas por mim! Não podes mandar chamá-los ao Louvre? Interrogá-los sem o auxílio do carrasco? Eles dirão tudo! Respondo por eles!...

— Tens, na verdade, razão! Por que não lhes farei eu mesmo?...

Maria, toda trêmula, arrastou o rei a uma secretária.

(Continua no próximo número)

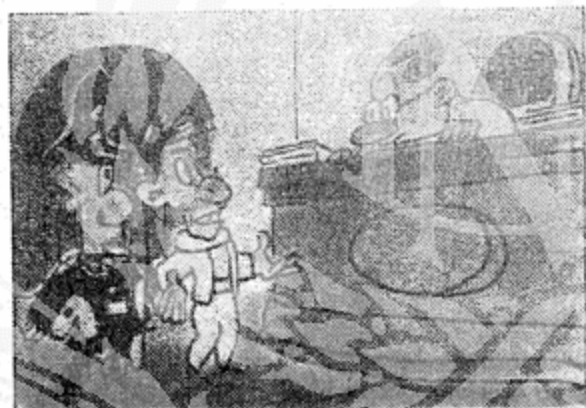
SEARA ALEGRE



— Como se atreve a segurar-me pelo braço, se eu não sou sua mulher?
— E, como se atreve a me bater, se eu não sou seu marido?



— Eu tenho viajado muito!
— Eu também sou louco por viagens: para ir de uma esquina a outra, tomo um ônibus...



— Confesso, senhor juiz, que roubei o revólver.
Mas foi para poder suicidar-me.
— E, por que o vendeu? então?
— Para poder comprar as balas.



— Seu indulto foi negado. Prepare-se para a morte. Tem algum desejo a formular?
— Tenho, senhor diretor: desejo fazer um seguro de vida.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÈ AS 7 HORAS DA NOITE

ALFANDEGA, 50

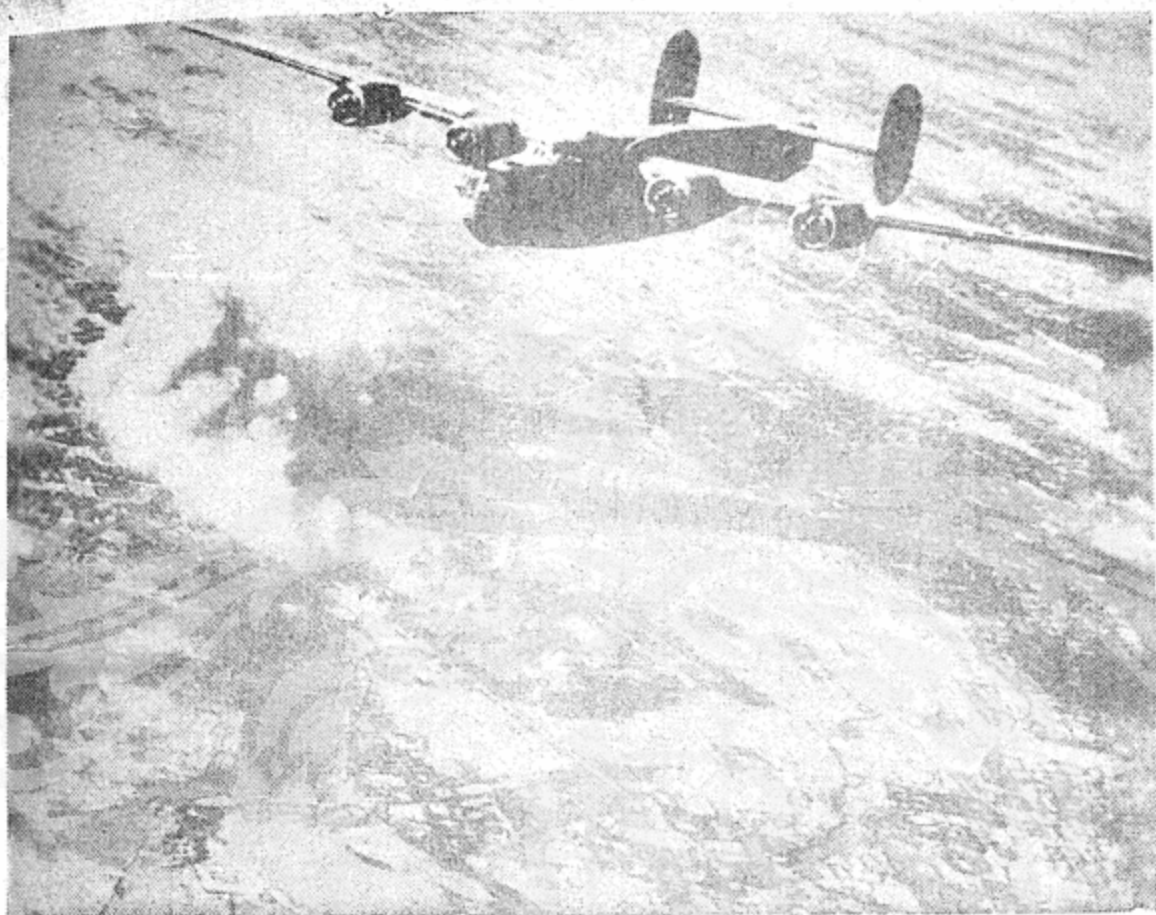


COMO SABER SE OS SEUS ANU'NCIOS NO RA'DIO ESTÃO SENDO IRRADIADOS?

A Empresa de Publicidade Cruzeiro poderá fornecer-lhe diariamente um boletim com o número exato de textos e o horário em que foram irradiados.

Única Empresa Controladora de Anúncios em Rádio existente no Rio de Janeiro.

RUA DA CARIÓCA N.º 72-1º and. — Tel. 42-6529 — RIO DE JANEIRO



NA INDOCHINA — Bombardeiro quadri-motor Liberator, do exercito dos Estados Unidos, sobrevôa a localidade de Vinh, na Indochina francesa, ocupada pelos japoneses, depois de ter cumprido a sua missão de lançar bombas sobre a estação ferroviária. Os bombardeiros destacados na China executam diariamente dessas incursões contra as linhas de comunicações do inimigo.

(Foto da "Inter-Americana")

Joan Blondell. — Nasceu na cidade de Nova York^a em 30 de agosto de 1909. Seu pai, Eddie Blondell é conhecido artista do palco. Joan é divorciada de George Barnes. Casada com

Dick Powell. Tem um filho, Norman Scott Barnes. Muito criança começou a trabalhar, no palco com a família, atuando nas principais cidades da Europa,

China, Austrália e Canadá, tendo permanecido nesse último país até aos 18 anos. No cinema começou a atuar em 1930, tendo conquistado as simpatias dos "fans".

PREÇOS DAS ASSINATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Ano..... (52 ns.) Cr \$ 70,00

Semestre (26 >) Cr \$ 36,00

(Registrada)

Ano..... (52 ns.) Cr \$ 96,00

Semestre (26 >) Cr \$ 50,00

As assinaturas terminam e começam em qualquer mês.

F O N - F O N

Revista Semanal Ilustrada
Companhia Editora Fon-Fon e Seleta

Diretor: SERGIO SILVA

Direção, Redação e Oficinas:

Telefones: Administração: 22-4128

63, RUA DA ASSEMBLÉIA, 63

Oficinas: 22-0877 — Caixa Postal: 87

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Diretor: WERTHER FARINELLO

Rua São Bento, 220 — 2.º and.

Tel. 2-1512 — Caixa Postal, 808

End. Telegrafico: FARINELO

Toda a correspondência deve ser dirigida à
COMPANHIA EDITORA
FON-FON E SELETA

Representante na Europa.
Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey
Rue Trousset, 9 — France
— Paris VIII. Ludgate Hill
Londres.

Venda avulsa..... Cr \$ 1,50
Número atrasado.. Cr \$ 2,00
Número atrasado,
pelo Carrelo..... Cr \$ 2,80

Kolynos

CREME
DENTAL

Limpa, refresca e dá
esplendor

